

2017

PROPOSTA DE ESTUDO  
ICONOGRÁFICO DOS VITRAIS DA  
BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFFPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E ARTES – ICA  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS – FAV  
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

**PAULA DANIELA ALVES DUARTE**

**PROPOSTA DE ESTUDO ICONOGRÁFICO DOS VITRAIS DA  
BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ**

**BELÉM – PARÁ  
2017**

**PAULA DANIELA ALVES DUARTE**

**PROPOSTA DE ESTUDO ICONOGRÁFICO DOS VITRAIS DA  
BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia ao Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Flávia Olegário Palácios.

**BELÉM-PARÁ**

**2017**

**PAULA DANIELA ALVES DUARTE**

**PROPOSTA DE ESTUDO ICONOGRÁFICO DOS VITRAIS DA  
BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ.**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título do Grau de Bacharel em Museologia ao Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Flávia Olegário Pálacios  
Universidade Federal do Pará - UFPA  
Orientadora

---

Examinador

---

Examinador

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017.

CONCEITO: \_\_\_\_\_

**À minha Família**

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela sua infinita misericórdia e por seu imensurável amor, que nos sustenta a cada novo dia.

A minha família pelo apoio e compreensão nos dias de angústia e principalmente a dona Dulcicléia, adorável mãe, e ao seu José Américo, amado pai, que em muitas vezes se mostraram mais entusiasmado com a Museologia mas do que a futura museóloga.

A professora Doutora Flávia Palácios, que disse sim no primeiro momento da nossa interação sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e se tornou fonte de inspiração em busca de novos conhecimentos.

As D.I.V.A.S pelos momentos de alegria, tristezas, compreensão e apoio, só o fato de existirem não estarei só.

A equipe I pela força, companheirismo e pela corrente fala “ela esta na área” mesmo estando batalhando em outro caminho.

A turma de 2013 que me acolheu e tornou esses quase cinco anos inesquecíveis, pelas viagens que fizemos, pelas brigas que tivemos, mas prevaleceu a amizade.

As pessoas que posso chamar de amigas: Aline, Claudiane, Sandra, Vivian, pelo simples fato de existirem e fazer a caminhada mais leve, aos queridos Bruno Braga e Bernardo Baia pelas ótimas ideias e a querida Keila muito obrigada mesmo.

Aos professores do curso, pelo empenho e incentivo principalmente a professora Marcela Guedes e ao professor John Fletcher pelas excelentes contribuições.

A direção da Basílica Santuário de Nazaré, sempre bem solícitos e a dona Mizar Klautau, que me fez admirar ainda mais os vitrais.

Por fim a secretaria da Fav, principalmente ao “seu” Jorge por fazer a diferença no curso.

Os vitrais falam, só precisamos parar e escuta-los.

Paula Duarte.

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo propor descrição iconográfica dos vitrais existentes na igreja Basílica de Nazaré e sugerir um roteiro museológico utilizando os vitrais, pois são notórias em mediações a escassez ou a total falta de conhecimento sobre os vitrais. A pesquisa parte da observação da necessidade de salvaguardar o objeto de estudo, pois durante a pesquisa observou fatores como o desconhecimento do próprio quantitativo e ao trato inadequado a esse tipo de acervo. Ao longo dos capítulos deste estudo, são apresentados alguns pontos como a origem da principal matéria-prima dos vitrais, o vidro, mostrando pontos específicos de etapas até o possível surgimento dos vitrais, interligando períodos da História da Arte com foco no estilo românico e gótico. A Basílica Santuário de Nazaré foi elencada devido ao acervo de 57 vitrais e possuir funções de mediações ofertadas pela própria Basílica. Processos museológicos foram aplicados desde sua classificação, documentação e exposição realizando então processo de musealização, complementando com o estudo iconográfico dos vitrais, etapas necessárias para mostrar a potencialidade museológica dos vitrais que são capazes de transmitir conhecimento, atrativo, comunicação e contemplação.

**Palavras-chaves:** Vitrais; Iconografia; Basílica Santuário de Nazaré; Musealização; Roteiro.

## ABSTRATC

The present study has as its goal to propose an iconographic description of the stained glass windows present in the Basilica of Nazaré church, and to suggest a museological guide that incorporates them, since they are noteworthy in mediations where there is a lack or total absence of knowledge about stained glass. This research paper comes from observing the necessity of preserving this object of study, for during our research some aspects like unfamiliarity with the reference and inadequate care were observed. Throughout the chapters of this study, we present some facts about the origins of the main raw material involved, glass, explaining specific points of the stages of developing the stained glass, and interconnecting periods of Art History with a focus on the Romantic and Gothic styles. The Basilica Sanctuary of Nazaré was chosen because of its collection of 57 stained glass windows and for the services of mediation offered by the Basilica itself. Museological processes were applied from their classification, documentation, and exhibition, up to the process of musealization, and were complemented by the iconographic study of the windows; all steps necessary to demonstrate the museological potential of the stained glass windows, which are able to impart knowledge, attraction, communication, and contemplation.

**Keywords:** Stained glass; Iconography; Basilica of Sanctuary of Nazareth; Musealization; Script.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jesus e as Crianças.....	14
Figura 2 - Sepultamento de Jesus.....	14
Figura 3 - Artefatos de Obsidiana, utilizadas por povos primitivos. ....	18
Figura 4 - Criação acidental do vidro.....	19
Figura 5 - Planta baixa do modelo arquitetônico de uma Catedral Românica.....	22
Figura 6 - Elementos arquitetônicos de Catedrais Góticas. ....	23
Figura 7 - Catedral de Chartres na França.....	24
Figura 8 - Catedral de Canterbury.....	24
Figura 9 - Planta baixa da Basílica Santuário de Nazaré. ....	25
Figura 10 - Vista do interior da B.S.N, evidenciando o Clerestório.....	26
Figura 11 - Nomes de doadores eternizados nos vitrais. ....	27
Figura 12 - Esquema classificatório para a divisão em categorias dos vitrais da B.S.N.....	34
Figura 13 - Modelo de Ficha de arrolamento para os vitrais da B.S.N.....	36
Figura 14 - Modelo de Ficha Catalográfica .....	38
Figura 15 - Ilustração do percurso do roteiro.....	54

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1 Justificativa</b> .....	14
<b>1.2 Objetivos</b> .....	16
<b>1.3 Métodos</b> .....	16
<b>1.4 Estrutura do Trabalho</b> .....	16
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	18
<b>2.1 Procedência Histórica dos Vidros</b> .....	18
<b>2.4 Histórico Geral Sobre Vitrais</b> .....	21
<b>2.5 Histórico da Igreja Basílica Santuário de Nazaré e seus Vitrais</b> .....	24
<b>2.6 Musealização: Salvaguarda da Memória e Identidade dos Vitrais</b> .....	27
<b>2.7 Vitrais sobre uma Perspectiva da Documentação Museológica</b> .....	28
<b>2.8 A iconografia como Potencial Museológico para os Vitrais.</b> .....	30
<b>3. ABORDAGEM METODOLÓGICA</b> .....	32
<b>3.1 Classificação e Proposta Documental Museológica dos Vitrais.</b> .....	32
<b>3.1.1 Arrolamento</b> .....	36
<b>3.1.2 Ficha de Catalogação dos Vitrais</b> .....	37
<b>3.2.2 Glossário de Preenchimento da Proposta de Ficha Catalográfica</b> .....	39
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	42
<b>4.1 Resultado do Arrolamento</b> .....	42
<b>4.2 Resultado da Ficha Catalográfica</b> .....	46
<b>4.3 Proposta Iconográfica</b> .....	49
<b>4.4 Roteiro Museológico como Reafirmação do Patrimônio</b> .....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74
<b>SITES CONSULTADOS.</b> .....	77

## 1. INTRODUÇÃO

Os vitrais para Reis (2010) podem ser conceituados como objetos feitos de pedaços de vidro coloridos e chumbo soldado. É uma técnica artística na qual a princípio o vidro era pintado à mão e não se sabe a datação precisa de suas origens. No período Gótico<sup>1</sup>, os vitrais serviram como ornamentação de iconografias religiosas que sucederam as pinturas em murais (ANDE e LEMOS, 2013). No entanto no âmbito do patrimônio cultural, os vitrais não se restringem apenas ao ambiente religioso. São versáteis e cabíveis de contemplação independente do local destinado, como em museus, propriedades particulares, instituições públicas dentre demais edificações. Os vitrais persistem mesmo que de forma tímida, realizando sua tarefa funcional e estética, e muitas vezes são coadjuvantes arquitetônicos, ou seja, secundários de algumas construções grandiosas (MICHELOTTI, 2013).

O patrimônio cultural atualmente não se baseia somente na importância das informações históricas do objeto que são adquiridas por pesquisas, mas também na relação entre esse objeto e o seu contemplador é uma nova maneira de se pensar a Museologia e a definição de museu, contribuindo para a retomada de uma memória coletiva ou individual. Delgado (2003) diz que “(...), o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcam sua própria história” (DELGADO, 2003, p. 10).

Os vitrais são patrimônios que apresentam conhecimentos, sabedoria e experiências sendo a Museologia ponte entre a temporalidade e o homem atual, pois traz ações básicas, conhecidas como musealização, que é a seleção, pesquisa, documentação, conservação e comunicação, provendo a salvaguarda do objeto enquanto documento. (CURY, 1999).

A nova forma de se pensar a museologia foi analisada em importantes documentos internacionais como a Declaração de Quebec - 1984 Princípios De Base De Uma Nova Museologia, a Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto que institui a Lei

---

<sup>1</sup> (...) surgiu inicialmente em Île-de-France (França), no final do século XII, em paralelo à arte românica. Difundiu-se progressivamente por toda a Europa, impondo novas soluções arquitetônicas, e permaneceu em alguns territórios até o século XVI. ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. Arte Gótica. 1. Ed. São Paulo: Instituto Callis, 2013.

Quadro dos Museus Portugueses entre outras. A declaração de Quebec discorre da importância da interdisciplinaridade no processo de comunicação, diversas formas de expor, com o objetivo de integrar a população no âmbito museológico gerando um senso crítico, deixando de ser apenas um observador, mas sim um integrante do espaço museológico e a Lei Quadro dos Museus Portugueses de 2004 no artigo 3º, diz que o museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

- a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;
- b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade. (Artigo 3º, da Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto de 2004).

A lei ainda complementa dizendo: são considerados museus as instituições com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas<sup>2</sup> previstas na presente lei para o museu ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico (Artigo 3º, tópico 2, da Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto).

Com um vasto acervo de vitrais históricos, Belém, a capital do Estado do Pará, no período conhecido como *boom* da borracha, a Belle Époque paraense desenvolveu luxuosos palacetes com vitrais datados do final século XIX e começo do século XX. Nas edificações religiosas os vitrais surgiram também no fim do século XIX, porém sua maior utilização se remete ao século XX. As primeiras obras a possuírem vidraças, praticamente no final do século XIX, foram o Palácio Antônio Lemos, o Palácio Lauro Sodré, o Palácio Episcopal, e o Colégio Paraense, atuais

---

<sup>2</sup> As funções museológicas estão disponíveis no *site* - <http://www.museus.gov.br/tag/estatuto-de-museus/>. Acessada em 09/02/2017.

Museus de Arte de Belém e Museu Histórico do Estado do Pará, Museu de Arte Sacra e Colégio Ipiranga, respectivamente (PINTO, 2013).

Em Belém não existe um museu, levando em consideração a definição de museu descrita na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009<sup>3</sup>, destinada exclusivamente aos vitrais. Entretanto algumas edificações patrimonializadas possuem vitrais integrados em sua arquitetura, como o Palácio Lauro Sodré (atual Museu do Estado do Pará - MEP), a Catedral da Sé, o Museu de Arte Sacra, dentre outros temos a Basílica Santuário de Nazaré, com acervo de 57 vitrais na qual essa pesquisa irá se centralizar.

Nesse contexto de novas formas de expor e considerar como museu instituições que realizem as práticas museológicas, a Basílica Santuário de Nossa Senhora Nazaré mantém suas funções religiosas primordiais, porém pode ser analisada como uma instituição museológica, a partir da observação de práticas ditas museológicas (Documentação, conservação, preservação e comunicação) e partindo do pressuposto que a Basílica está inserida no Conjunto Arquitetônico de Nazaré – CAN, que foi tombado em 1985 pelo IPHAN, e conseqüentemente todos seus bens integrados à construção, como por exemplo: os vitrais, que se caracterizam como Patrimônio Integrado.

Neste sentido, essa pesquisa visa intensificar o reconhecimento do vitral como patrimônio, não por fazer parte de uma edificação tombada, mas por seu valor histórico, sua técnica, seus significados e suas representações. Abaixo as figuras 01 e 02 são exemplos de alguns dos vitrais da Basílica Santuário de Nazaré (B.S.N) que estão se referindo a passagens bíblicas.

---

<sup>3</sup> Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Informação disponível [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm).

**Figura 1 - Jesus e as Crianças**



Foto: Flávia Palácios

**Figura 2 - Sepultamento de Jesus**



Foto: Flávia Palácios

Os vitrais disposto acima fazem parte do acervo da B.S.N, estão simbolizando passagens bíblicas. A figura 01 está descrita no livro de Marcos capítulo 10, onde as pessoas estão trazendo as crianças e os discípulos impedem que se aproximem do Mestre que os repreende dizendo: Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus (BÍBLIA SAGRADA, 1995)

A figura 02 representa o sepultamento de Jesus que é descrito em alguns livros do Novo testamento como em: Mateus, Marcos, Lucas e João, onde José de Arimatéia, um senador honrado, foi até Pilatos e pediu o corpo de Jesus, comprou um lençol de pano fino e cobriu Jesus depositando em um sepulcro lavrado numa rocha e colocou uma pedra a porta do sepulcro (BÍBLIA SAGRADA, 1995).

### **.1.1 Justificativa**

A temática do trabalho partiu devido à inquietude ao participar de mediações realizadas por monitores culturais ou empresas de turismos a igrejas históricas, especificamente quando questionados sobre os vitrais, percebia a superficialidade, a escassez no conteúdo ou a falta de conhecimento sobre os mesmos. Estes que têm

grande importância sejam, como ornamentação, contemplação ou ensinamento bíblico.

A Basílica Santuário de Nazaré, foi escolhida como base de estudo dos vitrais por possuir um vasto acervo e tem uma grande representatividade religiosa e infraestrutura adequada para visitas guiadas realizadas pela própria instituição ou por empresas turísticas.

O objetivo de mostrar os vitrais e suas potencialidades museológicas não apenas como um coadjuvante arquitetônico, mas capaz de transmitir conhecimento, atrativo para o público, informação, contemplação artística e comunicação, transmitindo um olhar museológico descrito por Chagas (1994), como um olhar vivido e deslumbrado com novas descobertas.

Para tanto, a Museologia se faz necessária no estudo dos vitrais. No processo de Musealização do patrimônio, que para Cury tem o objetivo de valorizar o objeto e conscientizar sua preservação, produzindo um conceito, que desencadeará um processo de comunicação (CURY, 1999) e na salvaguarda do objeto, medidas necessárias para a construção do projeto que visa garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal.

Segundo Maria Inez Cândido “(...) a revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos e função de comunicação “(...) têm na conservação e na documentação as bases para a sua transformação em fontes de pesquisa científica e de comunicação (...) produzem e disseminam novas informações, cumprindo-se o ciclo museológico”. (CÂNDIDO 2006, p 32). Para a leitura iconográfica Giulio Argan (1994) e Erwin Panofsky (1976) discorrem sobre esse ramo da história da arte. Os autores citados estão dando embasamento para a proposta descrita na pesquisa de como fortalecer o patrimônio vitral no âmbito onde se encontra.

## 1.2 Objetivos

A pesquisa tem como objetivo geral:

- ✓ Propor descrição iconográfica dos vitrais existentes na igreja Basílica de Nazaré e sugerir um roteiro museológico utilizando os vitrais.

Os objetivos específicos são:

- ✓ Propor a documentação museológica;
- ✓ Desenvolver o arrolamento dos vitrais;
- ✓ Proposta de ficha catalográfica e
- ✓ Proposta de estudo iconográfico.

Com o intuito de valorização do objeto, busca-se a interdisciplinaridade do Campo da Museologia, e áreas de conhecimento pautadas na História da Arte, Arquitetura e afins para a análise do objeto e suas representações, evidenciando a importância museológica para a valorização do Patrimônio.

## 1.3 Métodos

Ao estudar tipologias específicas dos vitrais são necessários alguns questionamentos: como procedeu a forma de aquisição? O que as iconografias representam? Neste sentido tais informações serão analisadas com base em pesquisa a textos de autores referentes ao processo de documentação museológica e iconográfica, fazendo assim um levantamento quantitativo e investigativo, sobre medição, estado de conservação, forma de aquisição, número de tombo (se houver), itens necessários para o arrolamento, proposta de ficha de catalogação e proposta de estudo iconográfica dos vitrais da edificação religiosa Basílica Santuário de Nazaré, propondo assim um roteiro de visitação a partir dos mesmos.

## 1.4 Estrutura do Trabalho

A pesquisa é composta de três (03) capítulos. No primeiro capítulo será abordada a revisão da literatura, contendo o histórico da principal matéria-prima constituinte dos vitrais, o vidro, desde sua suposta descoberta, suas transformações, a utilização no Brasil e na capital Paraense. Por conseguinte, um breve histórico

geral dos vitrais, da Basílica Santuário de Nazaré, onde o objeto de estudo está inserido, e a importância do processo de musealização em específico a documentação para a salvaguarda do mesmo.

No segundo capítulo serão desenvolvidas as práticas documentais, como o arrolamento, proposta da ficha de catalogação e proposta de estudo iconográfica. Tendo como base de pesquisa textos e autores como: Cury (1999), Chagas (1994), Cândido (2006), Costa (2006), Comitê Internacional de Documentação – CIDOC e Thesaurus Para Acervos Museológicos e Giulio Argan (1994) e Erwin Panofsky (1976) na iconografia.

O terceiro capítulo apresentará os resultados, ou seja, o arrolamento contendo seus campos específicos, a proposta de ficha catalográfica preenchida e o estudo iconográfico, elencando um vitral de cada divisão temática proposta na pesquisa (Vitrais dos Santos, das Passagens Bíblicas, do Círio e dos Anjos) e a sugestão do roteiro de visita para a Basílica Santuário de Nazaré, tendo os vitrais como o principal elemento.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

A revisão literária foi realizada com o objetivo de investigação da procedência histórica do vidro, este que serve como matéria-prima para a fabricação dos vitrais. Também se buscou a inserção do processo de musealização com a proposta de documentação e proposta de estudo iconográfico do patrimônio integrado da Basílica Santuário de Nazaré, os vitrais.

### 2.1 Procedência Histórica dos Vidros

Segundo Maia (2003), o vidro apesar não ter uma data precisa sobre sua descoberta, já era utilizado pelos povos primitivos na forma natural. Originado pela fundição de rochas vulcânicas quando submetidas a altas temperaturas, solidificando-se rapidamente. Nomeando-se de obsidiana<sup>4</sup>, vidro formado naturalmente, era usado como armamento de defesa e no ambiente doméstico, por ter uma finalidade de corte.

Figura 3 - Artefatos de Obsidiana, utilizadas por povos primitivos.



Fonte: <https://www.joya.life/blog/obsidiana-piedra-sagrada-los-mayas/>

Segundo da Associação Técnica Brasileira das Indústrias Automáticas de Vidro – Abividro, as literaturas não referenciam uma data precisa sobre a descoberta do vidro. Porém, alguns povos como os sírios, fenícios, assírios, egípcios, babilônios, gregos e romanos, já manuseavam o vidro. É incabível uma datação precisa sobre a descoberta e a prática de uso dos mesmos. Todavia, o historiador

---

<sup>4</sup> É uma rocha de origem vulcânica; é um vidro natural. Informação retirada de MAIA, Samuel Berg. O vidro e sua fabricação. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

naturalista romano Plínio em sua enciclopédia *Naturalis Historia*, concede aos povos fenícios a descoberta do vidro de uma forma acidental (MAIA, 2003).

Em seus relatos, o naturalista Plínio, discorre que a origem do vidro, se deu acidentalmente no momento do preparo de uma fogueira numa praia da Síria utilizando fogões improvisados de salitre e outros dizem que foi de soda para o aquecimento suas refeições. Com o passar das horas, observaram que escorria uma substância brilhante do fogo que se solidificava imediatamente. Descobrimo então o vidro (PINHEIRO, 2007). Maia (2003) acredita que essa hipótese não seria a verdadeira gênese do vidro, pois a simples temperatura de uma fogueira não provocaria sua formação, entretanto as narrativas do naturalista Plínio tem valor histórico.

**Figura 4 - Criação acidental do vidro.**



Fonte: <http://www.jornaldovidro.com.br/>

A arte vítrea floresceu no Egito no século 1500 AEC. Era considerado como um metal precioso para o povo egípcio e da Mesopotâmia. (AKERMAN, 2013). Os artefatos de vidro mais primitivos são de origem egípcia com data inferior a 5000 AEC, pois foram encontradas peças inteiras de vidros coloridas e opacas dentro dos túmulos de faraós e em 1500 AEC descobriram que poderiam fabricar outras peças como vasos e copos (MAIA, 2003).

A técnica de sopro teve um grande marco no histórico do vidro, pois facilitou a fabricação e atribuíram mais rapidez e variedades de formas e tamanhos aos mesmos (PINHEIRO, 2007). Na ilha de Murano, em Veneza (Itália), os vidreiros foram confinados, pois não se queria que a técnica de produção de vidros se

expandisse, pois era passada de pai para filho. Nessa mesma localidade grandes descobertas foram feitas como o “cristallo”, que hoje são chamados de cristais, peças ditas como finas (AKERMAN, 2013).

Os indígenas tiveram o primeiro contato com o vidro através da relação de escambo (trocas), onde os portugueses davam produtos como enxadas, facas, foices, espelhos e quinquilharias e requeriam produtos como pau-brasil, farinha, papagaios e escravo (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010). Os vidreiros holandeses, trazidos por Maurício de Nassau, foram os primeiros a conquistarem o território brasileiro, especificamente à região que hoje se encontra o estado de Pernambuco, permanecendo de 1624 até 1635. Com a retirada dos holandeses pelos portugueses do Brasil, a indústria de vidro se extinguiu. Tentativas ocorreram para a construção de fábrica de vidro, porém sem êxito, no entanto em meados do século IX através de Francisco Antônio Esberard a industrialização de vidro foi firmada no Brasil (MAIA, 2003).

A introdução do vidro na arquitetura brasileira foi possível devido à Abertura dos Portos às Nações Amigas, havendo uma relação entre os países e o mercado mundial que possibilitou a entrada de equipamentos que colaboraram com mudanças estruturais das construções, substituindo alguns elementos e introduzindo outros, como o uso de vidros simples ou coloridos no lugar da gelosia<sup>5</sup> e urupemas<sup>6</sup> (REIS FILHO, 2011).

Os naturalistas que estiveram em Belém Spix e Martius no ano de 1820 relatam as formas de moradias dos habitantes locais e em uma de suas impressões pontuaram a inexistência da utilização do vidro na arquitetura (CRUZ, 1976):

“(…) A arquitetura é singela, raro tendo as casas mais de dois pavimentos; quase sempre térreas, são mesmo construídas em menos grandes proporções e menos decoradas do que as do Maranhão, simplesmente CAIADAS e em geral sem vidraças; mas o conjunto é aseado, cômodo, e dá

---

<sup>5</sup>Grade de fasquias de madeira que se coloca no vão de janelas ou portas, para proteger da luz e do calor, e através da qual se pode ver sem ser visto. Disponível: <https://www.priberam.pt/dlpo/gelosia>. Acessado no dia 28-03-2017.

<sup>6</sup>Trançado de fibra vegetal, para encosto de cadeira. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo>. Acessado no dia 28-03-2017

a impressão de vida doméstica feliz” (CRUZ, 1976, p. 69).

A utilização de vidros na capital paraense segundo Pinto (2013) teve maior influência a partir do século XIX ,sendo empregados mais em edificações. As primeiras obras a possuírem vidraças, praticamente no final do século XIX, foram o Palácio Antônio Lemos, o Palácio Lauro Sodré, o Palácio Episcopal, e o Colégio Paraense, atuais Museus de Arte de Belém e Museu Histórico do Estado do Pará, Museu de Arte Sacra e Colégio Ipiranga, respectivamente.

## **2.4 Histórico Geral Sobre Vitrais**

Primeiramente, é fundamental conceituar o objeto de pesquisa, o vitral. Em francês significa "Vitrail", na língua espanhola é "Vidriera" e na língua inglesa "Stained glass" que significa vidro manchado ou vidro colorido. Os vitrais geralmente representam cenas ou personagens religiosas, possui intuito de ornamentação propiciando com o efeito da entrada da luz um clima de espiritualidade divina que adornando as cenas religiosas. No período gótico, esses elementos artísticos contendo cenas de passagens bíblicas serviam como intuito de instruir o rebanho analfabeto conforme Reis (2010).

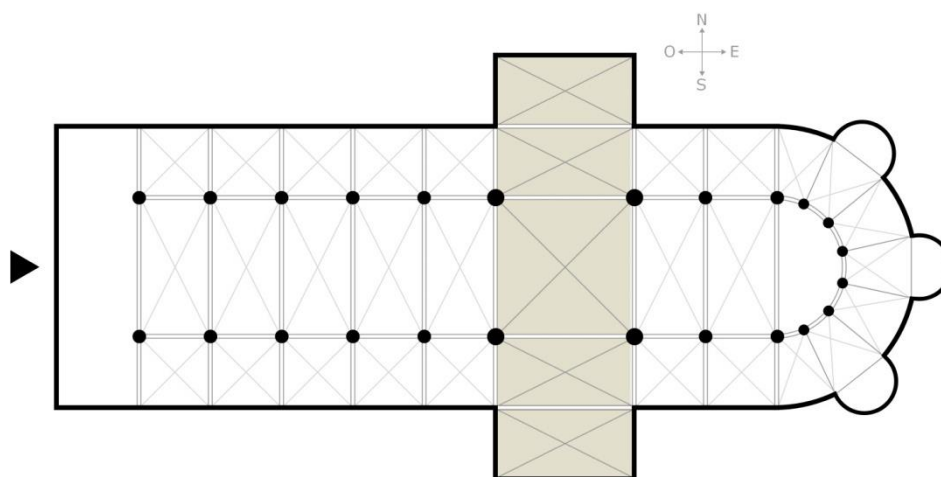
Ainda segundo Reis (2010), os vitrais lembram a técnica do mosaico, eram feitos de pedaços de vidros coloridos e chumbo soldado, é uma técnica artística na qual a princípio o vidro era pintado à mão. Porém a partir do século IX passou-se a misturar os óxidos de metais no vidro ainda em fusão, emoldurado em suportes, formando artes coloridas, mostrando a consolidação de um novo estilo estético marcado pela luminosidade e a variação de tonalidades. Um dos processos de criação dos vitrais e descrito por Ande e Lemos (1994) diz respeito à sua execução.

Na execução dos vitrais o mestre do ateliê, encarregado de criar os desenhos em cartões, preparava os vidros recortando-os em pedaços pequenos, de acordo com as necessidades do desenho. Posteriormente, unia-os com uma cinta de chumbo que, ao mesmo tempo, criava o contorno (ANDE, LEMOS, 2003, p. 22).

Os vitrais podem ser encontrados e meados dos séculos XI e XII no período conhecido como românico (NUNES, 2010). Período que tem na arquitetura suas características mais significativas como o uso de abóbadas, pilares maciços para

sustentar as grandes paredes com aberturas estreitas utilizadas como janelas por seu tamanho e solidez as catedrais românicas são conhecidas como “fortalezas de Deus”. (PROENÇA, s/n). No estilo românico assim conhecido no continente europeu e na Inglaterra conhecido como normando, tinham alguns arquitetos que construía as igrejas no formato da cruz, acrescentando uma galeria transversal entre a nave central e o coro sendo chamado de transepto (GOMBRICH, 2012). A imagem seguinte está representando uma planta baixa de uma catedral românica em destaque seu transepto, elemento arquitetônico característico do estilo.

**Figura 5 - Planta baixa do modelo arquitetônico de uma Catedral Românica.**



Fonte: <http://www.cliquearquitetura.com.br>

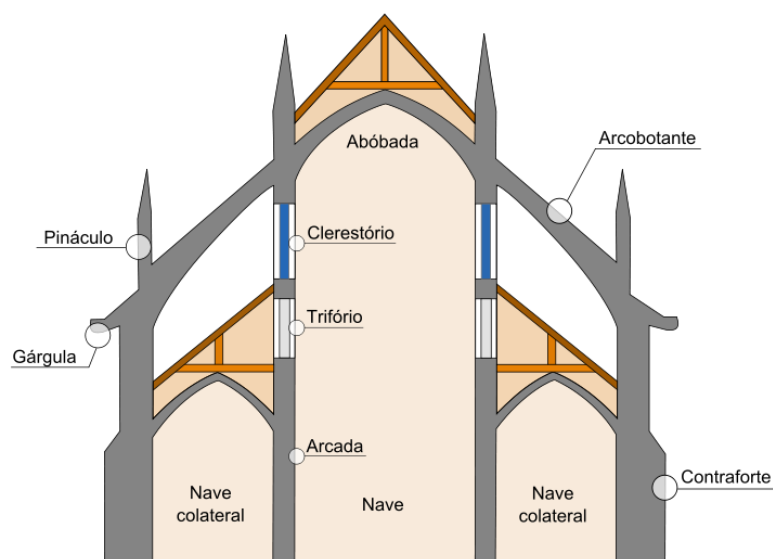
A plenitude dos vitrais foi alcançada no período gótico, caracterizado por sua verticalidade através de grandes edificações religiosas, não somente para ter uma proximidade com Deus, mas seria também uma forma de competição entre as cidades das redondezas. Dessa forma a relação de trabalho deixa de ser servil para se tornar assalariado surgindo uma nova profissão a de mestre de obras. (ANDE e LEMOS, 2013).

A diferença mais visível do período românico e o gótico é a fachada das construções religiosas, as catedrais românicas possuíam apenas um portal o gótico possui três portais, que possibilitam a entrada para as naves laterais e a nave central e um elemento arquitetônico presente em quase todas as igrejas góticas construídas nos séculos XII e no XIV são as rosáceas, porém as mais importantes

características desse período são as abóbodas de nervuras, que possibilitam as construções mais elevadas das catedrais. (PROENÇA, s/n). Agora as igrejas não tinham mais paredes geladas, frias, sombrias, eram ornamentadas por vitrais policromos que resplandeciam como pedras preciosas. (GOMBRICH, 1909-2001).

Assim, a arquitetura gótica tem em sua característica de sempre apontar para cima, de onde vem à plenitude, Deus. E suas catedrais apontando para o alto de onde vem a, criação, a vida, a luz. Sendo possível tal estrutura devido ao uso de arcobotantes e contrafortes que possibilitavam o crescimento vertical das construções e grandes aberturas de espaços nas paredes conhecidos como clerestórios, por onde penetrava a luz natural e possibilitou a inserção dos vitrais grandiosos (NUNES, 2010). Abaixo uma representação de elementos arquitetônicos presentes no estilo gótico.

**Figura 6 - Elementos arquitetônicos de Catedrais Góticas.**



Fonte: <http://tempodearquitetura.blogspot.com.br>

As Catedrais de Chartres, identificada na imagem 07 (considerada um do conjunto mais completo de uma verdadeira catedral gótica) e de Canterbury na imagem 08, mostra são famosas por seus vitrais. No início do período gótico, os vitrais tinham ousadia, grandiosidade, suas cores eram fortes e puras, porém a partir do século XV, propiciou-se a reproduzir os efeitos da pintura, perdendo vigência, mas ganhou sutileza (DORLING KINDERSLEY, 2012).

**Figura 7 - Catedral de Chartres na França.**

Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

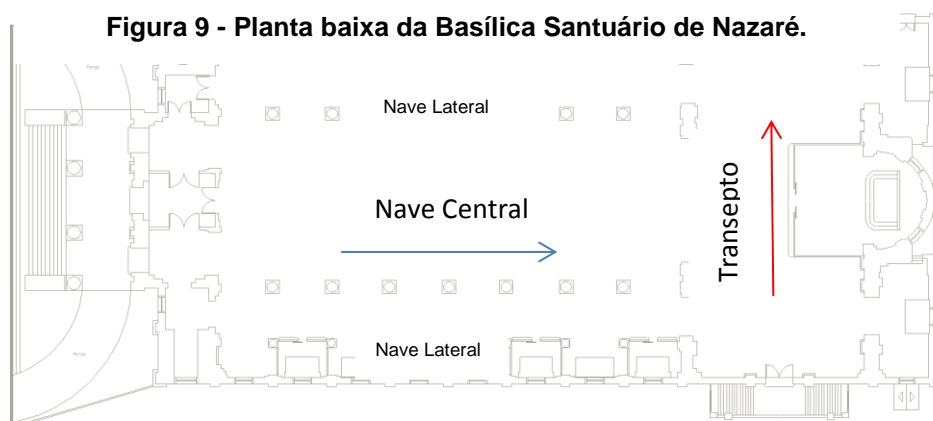
**Figura 8 - Catedral de Canterbury**

Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

## 2.5 Histórico da Igreja Basílica Santuário de Nazaré e seus Vitrais

Em 1700, o caboclo Plácido José encontrou onde hoje se localiza a B.S.N uma estatueta da Virgem e a levou consigo para a cabana onde morava, porém no seguinte dia misteriosamente a estatueta desapareceu reaparecendo no mesmo lugar onde fora encontrada por Plácido, às margens do rio Murutucu. O mistério continuou repetidamente. Por fim, Plácido construiu uma capela para abrigar a Virgem no mesmo local onde reaparecia (FILIZZOLA, 2007).

Segundo o Guia da Basílica de Nazaré, três ermidas foram construídas para abrigar Nossa Senhora de Nazaré, a nova matriz estava sendo construída lentamente para não atrapalhar o funcionamento da ermida. A construção se deu em 12 de setembro de 1825 e concluída em 1881, e no ano de 1908 o padre Luiz Zoia que aqui no Pará chegou, surgiu com uma ideia de levantar uma nova Matriz, propondo como planta base a redução da Basílica de São Paulo extra-muros em Roma. A construção da matriz foi auxiliada pelos arquitetos Coppede e Padrasso de Gênova que projetaram o desenho da construção tendo como assistente técnico os engenheiros Grolla e depois Tiago Bolla, Acatuassú Nunes e Julio Topino. A figura a seguir é o desenho gráfico da planta baixa da B.S.N com alguns elementos arquitetônicos encontrados nos período românico.

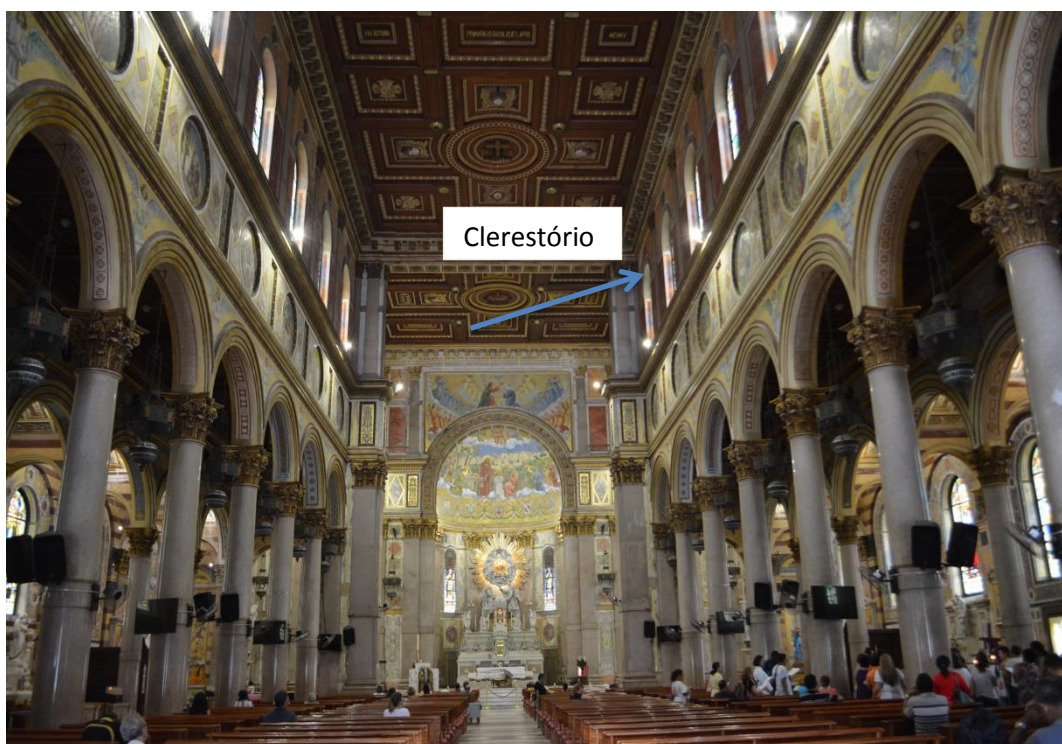


Fonte: Baseado no banco de dados do LACORE.

A primeira pedra foi colocada no dia 24 de outubro de 1909, por Dom Santino Coutinho, e em 1914 foi colocada a cumieira (parte mais elevada de um telhado), e coube ao padre Afonso Di Giorgio ornamentar a igreja com mármore, mosaicos, vitrais até o ano de sua morte em 1962. O atual templo é marcado por diversos estilos arquitetônicos, sobressaindo o estilo neoclássico e o eclético (Guia da Basílica de Nazaré). Possui 57 vitrais franceses da casa Champigneulle de Paris, distribuídos em 05 vitrais na fachada, 27 na lateral direita, 23 na lateral esquerda e 02 no altar. Possui elementos integrados como ilustrações em mosaico italiano, estátuas de mármore, grandiosas portas de bronze, sinos de bronze.

A imagem 10 do interior da B.S.N, mostra elementos como os clerestórios servindo de passagem para a iluminação natural e nesses espaços a inserção dos vitrais, fonte da pesquisa em questão.

Figura 10 - Vista do interior da B.S.N, evidenciando o Clerestório.



Fonte: Flávia Palácios

Seus vitrais são verdadeiros, confeccionados com pedaços de vidros unidos por uma liga fina de chumbo, quase todos foram criados na casa M. Champigneulle na França (BONNA, 1992). A Basílica possui um acervo de 57 vitrais com temáticas que envolvem os Santos, Passagens Bíblicas, de Anjos e a Devoção a Nossa Senhora incluindo o Círio, este que possui uma série de dez vitrais localizados no Transepto (área da frente do Altar-mor), que repetem a mesma forma de arco e colunas variando apenas as cores, fazendo com que a sequencia ganhe uma atmosfera mais interessante (BONNA, 1992). O acervo de vitrais da Basílica foram doações dos devotos e famílias que eternizaram seus nomes impressos no próprio vitral, exemplificado na figura 11.

**Figura 11 - Nomes de doadores eternizados nos vitrais.**



Fonte: Paula Duarte

Foi colocada em evidência na imagem a marcação “Oferta de Jose Modesto Gomes Gerreira” que homenageia o devoto que realizou doação do vitral representando Santa Luzia.

## **2.6 Musealização: Salvaguarda da Memória e Identidade dos Vitrais**

O termo musealização em seu amplo conceito surge como forma de valorização do objeto. Esta valorização poderá acontecer retirando esse objeto do seu local de origem e colocado em um contexto museológico, ou sua valorização será “in situ”, (CURY, 1999) como é caso proposto dos vitrais da Basílica Santuário de Nazaré. Quando o processo de musealização é proposto não se pensa somente no ato de preservar as características físicas do objeto e sim tornar o acervo como fonte documental através de pesquisas que relacionam informações intrínsecas e extrínsecas, mencionadas por Loureiro (2008).

O ato de preservar é muitas vezes entendido apenas como garantir a integridade física dos objetos pelo maior tempo possível (em termos ideais, para sempre). Preservação é mais do que isso, ela tem um caráter dinâmico. Ao musealizar um objeto, ele passa a desempenhar a função de documento. Preservar objetos não significa imobilizá-los ou congelá-los, mas mantê-los disponíveis e acessíveis como documentos. A preservação física é sem dúvida fundamental, mas não suficiente. É necessário preservar também as informações “contidas” ou relacionadas aos objetos (LOUREIRO, 2008, p. 106).

O processo de musealização segundo Cury (1999) ocorre em quatro momentos, partindo de uma das vertentes do conceito de musealização que a valorização dos objetos: A seleção para integrar o acervo, inserção no contexto

museológico, a escolha do acervo para exposição e o processo de comunicação. Chagas (1994) diz que a musealização não é a única forma de preservação e é uma construção voluntária:

Mesmo não sendo a única, a musealização é uma forma efetiva de preservação de bens culturais. Ainda que a preservação possa ser voluntária e involuntária, a musealização é sempre resultado de um ato de vontade (...) a musealização – de curta ou de longa duração – é uma construção voluntária, de caráter seletivo e político, vinculada a um esquema de atribuições de valores, culturais, ideológicos, religiosos e econômicos etc. (CHAGAS, 1994, p. 54).

No contexto da musealização, alguns questionamentos são necessários como: Tudo é passível de musealização? Qual o benefício da musealização? Chagas (1994) fala que tudo é museável, ou seja, tudo é passível de ser musealizado. Porém dentro desse “tudo” serão feitos recortes para musealizar. Jesus (2010) defende que o patrimônio seja ele material ou imaterial deve conter especificações que determinem a necessidade de preservação, tendo sua importância no contexto social ou nacional a qual pertence.

Salientando que a Nova Museologia não tem como absoluta as instituições museológicas tradicionais, traz também uma nova maneira de museus que são os de território, fazendo uma interação entre o patrimônio e a sociedade. Moro (1986) dentro de uma visão museológica conceitua a musealização no sentido de preservação, porém questiona. Preservar o que? O objeto ou a herança cultural que a peça representa? Nesse sentido não se pode desassociar, ou seja, não pode haver a dicotomia do que foi realizado pelo homem do que não foi feito por ele como mencionado por Moro (1986). “(...) musealizar no sentido de preservar. – Preservar o que? A herança cultural que aquela peça representa. E nesta herança cultural não pode haver dicotomia entre o que foi feito pelo homem e o que não foi obra dele – temos que pensar no universo como um todo - o homem, sua obra, seu ambiente (MORO, 1986, p. 15)”.

## **2.7 Vitrais sobre uma Perspectiva da Documentação Museológica.**

Para o entendimento do processo e a inserção dos vitrais na documentação museológica, algumas reflexões precisam ser analisadas. O vitral é considerado um documento? Qual sua finalidade? Pode ser considerado um acervo museológico? Paul Otlet – considerado o “pai da documentação” viabiliza que tudo poderá se

tornar um documento, tanto os produzidos antropicamente como os constituídos naturalmente (SMITH, 2008). Renata Cardozo Padilha em “Documentação Museológica e Gestão de Acervo” define documento como:

É qualquer objeto produzido pela ação humana ou pela natureza, independentemente do formato ou suporte, que possui registro de informação. O documento pode representar uma pessoa, um fato, uma cultura, um contexto, entre outros. Ele se caracteriza como algo que prova, legitima, testemunha e que constitui de elementos de informação. (PADILHA, 2014, p. 13).

Monteiro (2014) avalia o significado de documentação descrito por Briet. Dizendo que a documentação se constitui de etapas como a seleção, análise, descrição e tradução do conteúdo. Tendo como primeiro propósito a elaboração de produtos documentários catálogos, índices e etc. A documentação museológica para Ferrez (1991) é um conjunto de informações sobre cada item (objeto) do seu acervo, podendo ser representado pela escrita ou por imagens, transformando essas informações em pesquisas e transmissora de conhecimento.

Esse objeto irá apresentar informações intrínsecas<sup>7</sup> e extrínsecas<sup>8</sup> (CANDIDO, 2006), após ser transformado em documento e exercer sua finalidade, de produzir, transmitir informações e conhecimentos, ressaltando seu potencial de informação contribuindo para a salvaguarda do mesmo.

O processo documental tem sua suma importância, pois o objeto ao longo do seu percurso ele ganha e perde informações devido a intempéries, manutenção e ao uso. Mudam sua funcionalidade ao ser tirado de um contexto para outro e são as informações registradas que deixam o objeto “vivo”, torna-se um testemunho (FERREZ, 1991). Sem documentação o objeto deixa de exercer uma das suas principais funções como acervo museológico que a comunicação. Padilha (2014) enfatiza as consequências da falta de documentação do objeto enquanto este está inserido em uma instituição com práticas museológicas.

---

<sup>7</sup> Informações deduzidas do próprio objeto. Informações retiradas de CÂNDIDO, Maria Inez. “Documentação Museológica”. Caderno de Diretrizes Museológicas, 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, p.33, 2006.

<sup>8</sup> Informações de natureza documental e contextual são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto. Informações retiradas de CÂNDIDO, Maria Inez. “Documentação Museológica”. Caderno de Diretrizes Museológicas, 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, p.33, 2006.

A falta de documentação do acervo acaba limitando e prejudicando todo o trabalho (...), pois inutiliza os objetos, uma vez que não permite o acesso às informações contidas nele, e, por conseguinte, reduz sua função social e cultural dentro de uma comunidade. (PADILHA, 2014, p. 38).

Conforme a declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacional de Informações sobre objetos de museu, o objetivo da documentação se baseia em:

- ✓ Assegurar a responsabilidade legal pelos objetos;
- ✓ Auxiliar na segurança dos objetos;
- ✓ Permitir a organização de um arquivo histórico dos objetos;
- ✓ Favorecer o acesso físico e intelectual aos objetos;

A ficha catalográfica dos vitrais contendo informações como a técnica utilizada para a fabricação, a procedência do vidro, o tipo de tinta se fazem importante aos profissionais que lidam com esse objeto, pois conhecendo informações técnicas pertinentes ao vitral, facilita o processo de conservação e uma possível restauração.

Partindo desses pressupostos apontados sobre a documentação museológica, que todo objeto pode ser potencialmente um objeto museológico, porém o que o elevará a essa categoria é a análise que a instituição fará no momento em que ele for adquirido (PADILHA, 2014). Os vitrais estão inseridos nesse contexto, sendo documentos que constituem elementos de informações, capazes de transmitir e produzir conhecimento.

## **2.8 A iconografia como Potencial Museológico para os Vitrais.**

Panofsky (1986) conceitua a iconografia como um ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem da obra em contraposição à sua forma (PANOFSKY, 1986, p. 47), ou seja, coloca em lados opostos os significados das obras de artes e suas formas. A iconografia é derivada de uma palavra grega “Eikôn” que significa imagem e de “Graphein”, cuja tradução é escrever, concluindo então que iconografia significa descrição de imagens que serve como base de uma melhor análise da obra de arte, segundo Marques (2014).

Iconografia para Argan (1994) é o estudo da conformidade com uma imagem-tipo e em algumas épocas como no período bizantino, as descrições iconográficas eram precisas e inevitáveis imposta pela liturgia. Desta forma o autor destaca outro método de análise das imagens, o método iconológico, que se difere da iconografia, pois é o estudo muitas vezes misterioso das imagens na imaginação e que sofrem mutações criando novos significados para a obra de arte.

Para Donis (2007) o significado vai depender da interpretação do espectador, que pode modificar e interpretar através de seus critérios. Panosfsky (1986) acredita que o fruto da análise de uma obra de arte e o seu significado dividindo-o em três níveis, o significado Primário ou Natural; o significado secundário ou convencional e o significado intrínseco ou conteúdo, descrito da seguinte forma:

- ✓ Significado Primário ou Natural: compreende na descrição pura das formas.
- ✓ Significado Secundário ou Convencional: é interpretado através do conhecimento em história, na cultura, no tema.
- ✓ Significado Intrínseco ou Conteúdo: denotando para o sentido iconológico da obra de arte, interpretando os símbolos.

A análise iconográfica proposta irá seguir a classificação de Panosfsky (1986) no seu sentido primário ou natural, descrevendo as formas puras como configurações das cores, da forma, da representatividade do objeto tais como a natureza, o homem, animais plantas, análise necessária para olhar o patrimônio no seu âmbito global, não focando em partes específicas.

### 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA.

#### 3.1 Classificação e Proposta Documental Museológica dos Vitrais.

A classe ou classificação do acervo de acordo com Ferrez e Bianchini (1987) é considerada primordial na elaboração de um thesaurus para acervos museológicos<sup>9</sup>, pois trabalha minuciosamente a complexidade do objeto em sua particularidade. A escolha pela classe tem seu propósito de tentar relacionar e aproximar conforme sua utilidade. O processo documental facilita o acesso a informação entre usuários estabelecendo princípios racionais como aponta Loureiro (2008).

A documentação organiza domínios de informação instituindo processos e construindo instrumentos essenciais nos quais os diversos produtores e usuários de informação possam estabelecer princípios racionais de preservação, gestão e acesso a essas informações (LOUREIRO, 2008, p. 28).

Os vitrais da B.S.N. segundo o Thesaurus para acervos Museológicos estão classificados nas seguintes formas: Classe no segmento “Construção”, Subclasse no segmento “Fragmento de Construção” e Termo denominando o próprio objeto “Vitrail”. Ferrez e Bianchini (1987, p. XXI, XXXI e p. 04, 26 e 27). Esquematizando no modelo de classificação proposto para acervos museológicos de CÂNDIDO (2008) os vitrais se dispõe conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Modelo de esquema classificatório para acervos museológicos, especificamente a classificação dos vitrais.

CLASSE	SUBCLASSE	TERMOS (OBJETOS)
<p><b>CONSTRUÇÃO</b> (construções elaboradas com o intuito de atender às necessidades humanas em local relativamente permanente)</p>	<p><b>FRAGMENTO DE CONSTRUÇÃO</b> (objetos criados para serem partes de uma construção ou acessórios)</p>	<p><b>VITRAL</b></p>

Fonte: CÂNDIDO, 2008

<sup>9</sup> É um conjunto de conceitos ordenados, de modo claro e livre de ambiguidade, a partir do estabelecimento de relações entre os mesmos e que pode ser definido segundo sua função ou estrutura”. Com o propósito de minimizar as dificuldades que os museus apresentam para se organizar como sistemas de informação, a obra busca atender aos acervos museológicos, seja sua documentação manual ou informatizada, ao apresentar um sistema consistente para classificação e denominação de artefatos que compõem as coleções brasileiras. FERREZ, H. D.; BIANCHINI, M. H. S. Thesaurus para acervos museológicos. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987, p. XV, 2v. (Série Técnica).

Moro (1986), pontua a classificação genérica como sendo um método de interpretação de cada manuseador do sistema de documentação para melhor organizara a museália. Michelotti (2011) subdivide o termo vitral em três categorias:

- ✓ Vitrais Arquitetônicos – São os vitrais concebidos para uso integrado na estrutura arquitetônica da edificação, como janelas, claraboias, vitraux, etc.
- ✓ Vitrais Utilitários / Decorativos – São os vitrais utilizados para a confecção de peças de uso doméstico e decorativas, como luminárias, mobiliário, biombos, etc.
- ✓ Vitrais Artísticos – São vitrais utilizados exclusivamente para produção artística, principalmente contemporânea, não pertencente à arquitetura da edificação. Geralmente são adaptados a sistemas de iluminação artificial, como backlights, spots, etc. (MICHELOTTI, 2011, p. 27).

Partindo do pressuposto de subdivisões de Michelotti (2011), o vitral da Basílica se enquadra na classificação de “Vitral Arquitetônico”. Dentro da coleção de vitrais dividi o acervo em 04 categorias: “Vitrais dos Santos”, “Vitrais da Devoção a Nossa Senhora de Nazaré”, “Vitrais de Passagens Bíblicas” e “Vitrais dos Anjos” sendo exemplificado na figura abaixo:

**Figura 12 - Esquema classificatório para a divisão em categorias dos vitrais da B.S.N.**



### 3.1.1 Arrolamento

O arrolamento é o primeiro processo para se conhecer o acervo, pois é realizada uma contagem dos objetos sendo criada uma listagem com uma numeração provisória (PADILHA, 2014). Esse processo tem grande importância para se conhecer o acervo, tanto em quantidade, estado de conservação e algumas informações decorrentes como modo e data de aquisição.

O arrolamento sugerido para os vitrais da B.S.N. como primeira forma de organizar as informações do acervo surgiu do processo de identificação e classificação a partir do Thesaurus. O arrolamento englobará os vitrais como um todo, não o dividindo em grupos, como mostra a exemplificação na figura 03.

Figura 13 - Modelo de Ficha de arrolamento para os vitrais da B.S.N.

Nº DE ORDEM	TÍTULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES

Para o preenchimento da ficha de arrolamento sugerida para os vitrais da Basílica, foram estabelecidas diretrizes baseadas em Cândido (2006) verificadas a seguir:

- **Número de Ordem:** é numeração provisória de identificação do objeto.
- **Título:** Designação particular, que pode ter sido atribuída por seu antigo proprietário ou pela instituição adquirida. Quando o título precisar de esclarecimentos, o registro deverá ser feito entre colchetes.
- **Dimensão:** medidas dos objetos em metros (m).
- **Modo de Aquisição:** Forma pela qual o objeto passou a integrar o acervo. Podendo ser: compra, doação, produto de oficina, recolhimento, transferência permuta.

- **Data de aquisição:** Data de recebimento do objeto seguindo a ordem de dia, mês e ano. Com a utilização de dois algarismos para dia e mês e quatro algarismos para o ano.
- **Classe:** A classificação do objeto vai ser definida conforme as diretrizes definidas pelo museu. Para a proposta utilizou-se o Thesaurus.
- **Subclasse:** A subclasse do objeto vai ser definida conforme as diretrizes definidas pelo museu. Para a proposta utilizou-se o Thesaurus.
- **Estado de Conservação:** Devem obedecer três critérios: ótimo, bom e regular quanto ao estado de conservação.
- **Observações:** Quaisquer informações pertinentes ao objeto que não contemplou os itens anteriores.

### 3.1.2 Ficha de Catalogação dos Vitrais.

Como já citado, o processo documental museológico em qualquer instituição é essencial para conhecer o objeto obtendo as informações extrínsecas, facilitando o acesso do profissional restaurador, conservador e áreas afins para o desenvolvimento das práticas museológicas como a salvaguarda, do mesmo. A ficha de documental constituindo a ferramenta principal de conhecimento do acervo, o CIDOC constitui diretrizes para a elaboração da ficha técnica, porém cada instituição confecciona conforme as necessidades do acervo. A museália registrada adequadamente serve como fonte para novas informações e conhecimento como afirma Padilha (2014):

Lembre-se: um objeto museológico devidamente registrado nas suas múltiplas possibilidades informacionais se torna uma fonte de informação e, por consequência, passa a ser um instrumento para a construção de novos conhecimentos. (PADILHA, 2014, p. 53).

Com base em Michelloti (2011), foi elaborada uma ficha de catalogação específica para os vitrais, contendo campos essenciais para a salvaguarda (conservação e preservação). Foi dividida em dois momentos: Identificação e características do objeto e a ficha catalográfica especializada em vitrais como demonstra a imagem abaixo:

Figura 14 - Modelo de Ficha Catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA		LOGO MARCA DA INSTITUIÇÃO NOME DA INSTITUIÇÃO					
		IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO		Nº DE TOMBO:		Nº DE REGISTRO:	
CLASSE				SUBCLASSE		TERMO	
COLEÇÃO				LOCALIZAÇÃO		ESPECIFICAÇÃO	
NOME DA OBRA:							
AUTOR:							
PROCEDÊNCIA:				ORIGEM:			
AQUISIÇÃO: <input checked="" type="checkbox"/> DOAÇÃO_ <input type="checkbox"/> COMPRA <input type="checkbox"/> PERMUTA <input type="checkbox"/> TRANSFERÊNCIA				DATA:			
DIMENSÕES:	ALTURA:			LARGURA:	CONSERVAÇÃO: <input checked="" type="checkbox"/> EXCELENTE <input type="checkbox"/> BOM <input type="checkbox"/> REGULAR_ <input type="checkbox"/> RUIM		
MATERIAL				HISTORICO DE AQUISIÇÃO		MARCAS E INSCRIÇÕES	IMAGEM
ICONOGRAFIA				BIBLIOGRAFIA:			
DESCRIÇÃO		OBSERVAÇÃO					
FICHA CATALOGRÁFICA ESPECIALIZADA EM VITRAIS		ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS:					
		RADIOGRAFIA:					
		MATERIAIS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO					
		VIDRO:		CHUMBO:		PINTURA:	
		CONDIÇÕES DE CONSERVAÇÃO					
		VIDRO:	CHUMBO:	PINTURA:	VEDAÇÃO:	RESTAURAÇÃO PREVIA	
		AÇÕES TOMADAS:					
		MATERIAIS:					
		RECOMENDAÇÕES:					
		LAUDO DE CONSERVAÇÃO E TRATAMENTO:					
CONSERVADOR:				DATA:			

Fonte: MICHELOTTI (2011)

### 3.2.2 Glossário de Preenchimento da Proposta de Ficha Catalográfica

- **Imagem** – Registro fotográfico do vitral.
- **Numero de Tombo** – Número de tomo, inventário ou registro patrimonial do vitral na instituição.
- **Numero de Registro**: Atribuído a partir do arrolamento.
- **Instituição** – Nome da instituição proprietária do vitral ou de onde ele está localizado.
- **Classe**: A classificação do objeto será definida conforme as diretrizes definidas pelo museu. Para a proposta utilizou-se o Thesaurus para Acervos.
- **Subclasse**: A subclasse do objeto será definida conforme as diretrizes definidas pelo museu. Para a proposta utilizou-se o Thesaurus.
- **Termos**: O termo do objeto será definido conforme as diretrizes definidas pelo museu. Para a proposta utilizou-se o Thesaurus.
- **Coleção** – Nome da coleção da qual o vitral faz parte, se houver.
- **Localização** – Referências ou coordenadas para a localização do vitral no acervo, na reserva técnica, ou no local onde está instalado.
- **Nome da Obra** – Nome original, quando conhecido, ou atribuído ao vitral.
- **Descrição** – Descrição técnica, formal e histórica do vitral.
- **Autor** – Nome do autor do desenho, se conhecido, e do estúdio vitralista responsável pela produção do vitral.
- **Data** – Data conhecida ou atribuída à produção do vitral.
- **Origem** – Cidade, país ou região onde o vitral foi produzido.
- **Procedência** – Cidade, país, região, edificação, coleção, ou qualquer outra referência sobre de onde o vitral veio para integrar o acervo do museu.
- **Aquisição**: Forma pela qual o objeto passou a integrar o acervo. Podendo ser: compra, doação, produto de oficina, recolhimento, transferência permuta.
- **Data de Aquisição**: Data de recebimento do objeto seguindo a ordem de dia, mês e ano. Com a utilização de dois algarismos para dia e mês e quatro algarismos para o ano.
- **Marcas e Inscrições** – Transcrição ou descrição dos eventuais textos, legendas, assinaturas, logotipos, etc. existentes, e sua localização no vitral.
- **Materiais** – Enumeração de materiais utilizados no vitral, como o tipo de vidro, pinturas, materiais de suporte, etc. (Quanto maior for o conhecimento

sobre materiais e técnicas de vidro e vitrais, mais eficientes será a documentação da obra).

- **Dimensões** – Altura, largura e profundidade total do objeto em vitral, em centímetros ou metros.
- **Conservação** – Indicação do estado de conservação geral do vitral,
- **Histórico de Aquisição** – Histórico de aquisição do vitral, inclusive dados dos proprietários anteriores e datas de referência.
- **Iconografia:** Análise do tema, em alguns casos poderão ser feitas buscando registrar o sentido simbólico.
- **Bibliografia** – Publicações ou exposições das quais o vitral fez parte, com suas datas de referência.
- **Fotografias** – Indicação dos registros fotográficos incluídos nos arquivos sobre o vitral, inclusive se tratam de imagens digitais, cromos, etc.
- **Radiografia** – Observações sobre o vitral, quando submetido a processos investigativos com Raio X.
- **Outros Resultados Analíticos** – Observações gerais analíticas sobre o vitral.
- **Materiais e Técnicas de Construção:**
  - **Vidros** – Descrição formal e técnica dos tipos de vidro utilizados no vitral, suas técnicas de fabricação, suas composição, suas cores.
  - **Chumbo** – (ou outro material de suporte). Descrição formal e técnica do tipo de chumbo utilizado, seu formato, sua espessura interna e de perímetro, etc.
  - **Pintura** – Descrição formal e técnica dos tipos de pintura utilizados, suas técnicas, sua composição, sua queima, suas cores, etc.
- **Condições:**
  - **Vidros** – Descrição do estado de conservação dos vidros, áreas degradadas, restaurações aparentes, etc.
  - **Chumbo** – Descrição do estado de conservação do chumbo ou outro elemento de suporte, áreas degradadas, quebras, oxidações, restaurações, etc. o
  - **Pintura** – Descrição do estado de conservação das pinturas, áreas de perda, restaurações aparentes, etc. o

- **Vedação** – Descrição do estado de conservação do cimento, ou massa de vidraceiro, ou outros materiais de vedação, áreas degradadas, restaurações aparentes, etc.
- **Restauração Prévia** – Observações gerais sobre as técnicas e materiais utilizados nas restaurações já realizadas no vitral.
- **Ações Tomadas** – Descrição detalhada dos processos realizados e materiais utilizados para a conservação ou restauração atual do vitral.
- **Materiais** – Indicação de dados técnicos e fornecedores dos materiais utilizados nos procedimentos de conservação e restauração atuais do vitral.
- **Recomendações** – Recomendação de medidas de conservação preventiva para acondicionamento, manuseio, embalagem, expografia, etc. específicas para esse vitral.
- **Laudo de Conservação e Tratamento** – Reprodução fotográfica da imagem do vitral, com símbolos e indicações indicando áreas degradadas e intervenções de reparo realizadas.
- **Conservador e Data** – Nome do conservador responsável pelo laudo e processo de conservação, com a data do procedimento realizado.
- **Não Informado** – Informações omitidas pela instituição.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Resultado do Arrolamento

Como informado na abordagem metodológica, foi realizado o processo de arrolamento incluindo todos os vitrais existentes na B.S.N. Processo esse necessário para quantificar o acervo promovendo o cuidado e a segurança adequada. O arrolamento contém uma numeração provisória, o tema de cada vitral, suas dimensões, modo de aquisição, data de aquisição, classe, subclasse a qual o objeto pertence, o estado de conservação e o campo da observação, caso tenha necessidade.

O arrolamento foi fundamento como processo para quantificar o acervo e perceber a falta de informações corretas transmitidas da instituição (basílica) para pesquisadores ou visitantes. Em publicações realizadas pela Basílica Santuário de Nazaré quantificam o acervo de vitrais em 54 objetos, porém em pesquisas de campo observou-se 57 vitrais, ratificando que o arrolamento é uma fase inicial para a documentação museológica que tem a finalidade de se salvaguardar o acervo.

Nº DE ORDEM	TITULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
V.B.S. N – 01	Rosácea		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 02	Santa Cecília		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 03	Santa Catarina Martir		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Ruim
V.B.S. N – 04	Ruth		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 05	São Camilo Lellis		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 06	Santo Antonio De Lisboa		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 07	Santa Clara		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 08	São Domingos		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 09	São Jorge		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular

Nº DE ORDEM	TITULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
V.B.S. N – 10	São Sebastião		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 11	Sant'Ana		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 12	Segunda Ermida de Nazaré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 13	Primeira Ermida de Nazaré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 14	Plácido Caçador Encontra a Imagem		Doação	1919	Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 15	Aparição da Virgem a Dom Fuás Ropinho		Doação	1919	Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 16	Monge Abade Romano		Doação	1919	Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 17	O Círio dos Nossos Tempos		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Ruim
V.B.S. N – 18	A Matriz de Nazaré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 19	O Milagre do Barbo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 20	Primeiro Círio de Nazaré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 21	Terceira Ermida de Nazaré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 22	São Joaquim		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 23	São José		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 24	Santo Agostinho		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 25	São Bernardo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 26	São Francisco		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 27	São Vicente de Paoli		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 28	Santa Rita		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular

Nº DE ORDEM	TITULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
V.B.S. N – 29	A Madalena		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 30	Santa Bárbara		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Ruim
V.B.S. N – 31	Rei David		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 32	Santa Luzia		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 33	Padre Geovani Di Giorgi		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 34	Barnabitas		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N -35	Jesus Manda os 12 Apóstolos Evangelizarem		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 36	Sermão da Montanha		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 37	Jesus com as Ovelhas		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 38	Jesus Ressuscita o Jovem de Naim		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 39	Jesus Entrega as Chaves a Pedro		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 40	Jesus Cura o Paralítico		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 41	Conversão de São Paulo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 42	Santo Antônio Maria Zaccaria		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 43	Santa Inés		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 44	Nossa Senhora das Graças Aparece à Santa Catarina de Labouré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 45	Anjo com a Flauta		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 46	Anjo com a Harpa		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 47	Jesus mostra Seu Coração à Santa Margarida Maria		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom

Nº DE ORDEM	TITULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
V.B.S. N – 48	Sepultamento de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 49	Santa Helena Reencontra a Santa Cruz		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 50	Jesus Discute com os Doutores da Lei		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 51	Jesus Expulsa os Vendilhões do Templo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 52	Jesus e as Crianças.		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 53	Jesus Ressuscita Lázaro		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 54	Maria Madalena Lavando os pés de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 55	Diagrama da Ave-Maria		Doação	1939	Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 56	Batismo de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Ruim
V.B.S. N – 40	Jesus Cura o Paralítico		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 41	Conversão de São Paulo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 42	Santo Antônio Maria Zaccaria		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 43	Vitral Geométrico		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 44	Santa Inés		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 45	Nossa Senhora das Graças Aparece à Santa Catarina de Labouré		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 46	Anjo com a Flauta		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 47	Anjo com a Harpa		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Regular
V.B.S. N – 48	Jesus mostra Seu Coração à Santa Margarida Maria		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 49	Sepultamento de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom

Nº DE ORDEM	TITULO	DIMENSÕES	MODO DE AQUISIÇÃO	DATA DE AQUISIÇÃO	CLASSE	SUBCLASSE	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
V.B.S. N – 50	Santa Helena Reencontra a Santa Cruz		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 51	Jesus Discute com os Doutores da Lei		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 52	Jesus Expulsa os Vendilhões do Templo		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 53	Jesus e as Crianças.		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 54	Jesus Ressuscita Lázaro		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 55	Maria Madalena Lavando os pés de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 55	Diagrama da Ave-Maria		Doação	1939	Construção	Fragmento de Construção	Bom
V.B.S. N – 57	Batismo de Jesus		Doação		Construção	Fragmento de Construção	Ruim

## 4.2 Resultado da Ficha Catalográfica

A ficha de catalogação proposta foi elaborada especificamente para vitrais, com intuito de conservação e preservação do patrimônio, apresenta campos específicos como tipo de tintura, estado de conservação do vidro, do chumbo e outras intervenções realizadas no objeto. Servindo como base de dados para o adequado tratamento. A falta de informações é visível na ficha, pois são campos não informados pela instituição por desconhecimento do acervo e suas características ou pelas regras institucionais. Foram trabalhados campos conformes pesquisas realizadas e a percepção da necessidade de registrar cada passo e característica desde sua aquisição até sua forma de comunicação. Os resultados estão descritos a seguir.





### 4.3 Proposta Iconográfica

No tópico de abordagem metodológica, especificamente em classificação e proposta documental museológica dos vitrais foi sugerido como forma de melhor organização e visualização do acervo a divisão em subcategorias descritas a seguir: Passagens Bíblicas, Santos, Devoção a Nossa Senhora e outros desta maneira a iconográfica irá representar um vitral de cada subcategoria. O método utilizado seguirá o modelo de conceito descrito por Panofsky (1986) de significado primário ou natural compreende na descrição pura das formas.

#### ICONOGRAFIA DO VITRAL – OUTROS- “ROSÁCEA”



Tem formato circular contendo 12 espaços com um círculo menor ao centro contendo cores: vermelha, branca, dourada, rosa, azul, verde. Nas extremidades maiores de cada espaço tem a imagem de uma criança como se estivesse envolta de agasalho branco. Esta localizada na fachada da Basílica.

## ICONOGRAFIA DO VITRAL – PASSAGENS BÍBLICAS “SERMÃO DA MONTANHA”



O vitral representa o Sermão da Montanha, disponível no livro de Mateus capítulo cinco, Jesus profere lições de conduta e ditando os princípios éticos e morais pertinentes ao reino do Messias.

Jesus está representado com uma túnica branca, manto vermelho, gesticulando com os braços e uma aureola em sua cabeça acima de uma rocha. A multidão está com aspecto cansado, devido às feições de seus rostos, alguns estão sentados, percebe-se a presença de homens, mulheres, crianças e idosos. Alguns personagens estão com aureolas em suas cabeças, raras áreas verdes, céu azul, com poucas nuvens.

## ICONOGRAFIA DO VITRAL DOS SANTOS “SANTO SÃO JORGE”



São Jorge está montado em um cavalo branco que está com as patas dianteiras erguidas. Veste uma capa vermelha, capacete vermelho e dourado, uma lança em sua mão perfurando uma imagem que remete a um dragão. Céu azul, árvore como se estivesse saindo do rochedo. No sentido iconológico as armaduras de São Jorge simbolizam a armadura do cristão. A couraça representa a justiça. O capacete representa a certeza da salvação. O cinturão, a verdade. O calçado, a prontidão para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Sua espada e lança, representa a palavra de Deus, a capa vermelha representa seu martírio, o cavalo branco simboliza pureza e o dragão simboliza o demônio.

## ICONOGRAFIA DO VITRAL A DEVOÇÃO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ – PLÁCIDO ENCONTRA A IMAGEM



Plácido, veste uma roupa azul e com manta, bota até a altura do joelho, está com uma espingarda em sua mão esquerda e uma cuia com água na mão direita. Transpassado em seu corpo uns saquinhos, um punhal no lado esquerdo. Feição perplexa ao olhar a imagem de Nossa Senhora no espaço. A manta da Virgem é dourada, sua roupa é vermelha e azul, em sua cabeça tem uma aureola. Ambiente com muitas árvores de várias tonalidades, pedras, rochas, um igarapé, animais, céu azul.

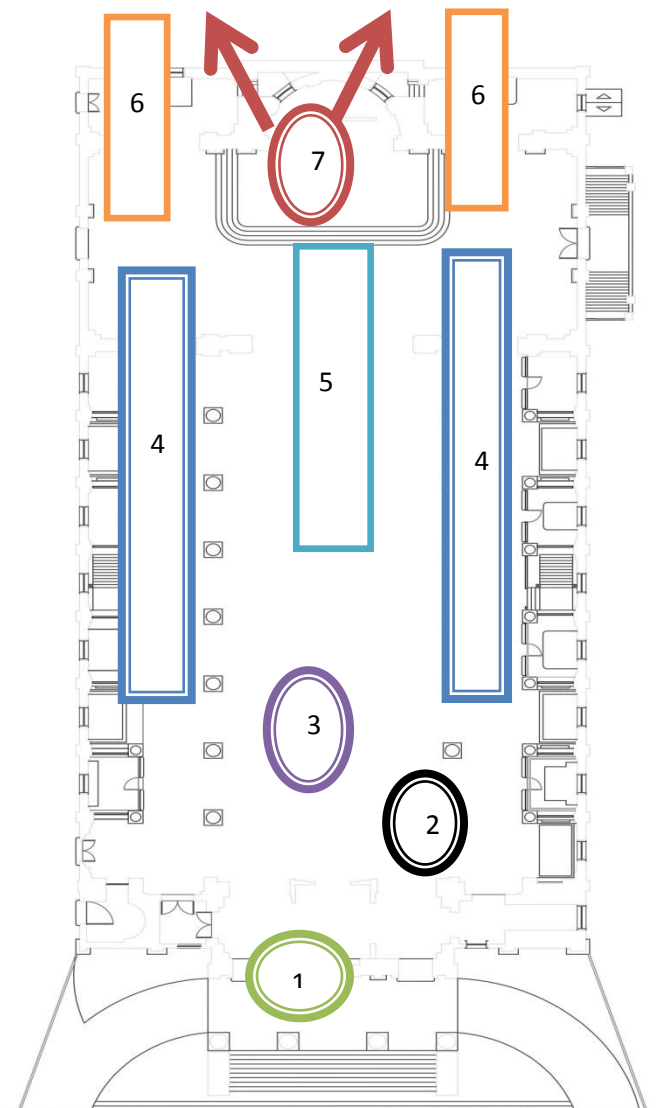
#### **4.4 Roteiro Museológico como Reafirmação do Patrimônio**

O processo iconográfico serve como base para roteiro que foi proposto como forma de reafirmar a potencialidade museológica dos vitrais, para Nunes (2015) a mediação tem sua importância, pois é o elo entre as memórias do passado e as vivências do presente e através da existência do contexto desenvolvido, os lugares vão sendo preservados, pois é uma ação promotora de aprendizagem. O percurso foi pensado de forma dinâmica, sucinta e estratégica para uma boa apreciação desse patrimônio e a obtenção do conhecimento.

O ponto inicial do roteiro dar-se-á na frente da Basílica Santuário de Nazaré, onde será situada a localidade e abordando com clareza a construção da mesma e um histórico geral dos vitrais; o segundo momento irá se concentrar na porta de entrada da basílica mostrando a forma que os vitrais são construídos. O próximo passo será adentrar a basílica, quantificando os vitrais, a forma de aquisição e mostrando o percurso, que terá início pelo lado direito mostrando as narrativas das passagens bíblicas que estão dispostas na parte inferior da construção, terminando pelo lado esquerdo.

Dirigindo a nave central, possibilitando uma visão ampla de todos os vitrais e assim prosseguir com as narrativas agora centradas nos vitrais da parte superior que está representando os santos e seguindo para o transepto onde temos vitrais um acervo de 10 vitrais contando a Devoção de Nossa Senhora, desde sua aparição até o Círio nos tempos de hoje. Tendo como o centro do transepto uma parada estratégica visualizaremos a Rosácea e outros vitrais presente nas capelas e abside. Abaixo a figura 15 representando os respectivos pontos do percurso.

Figura 15 - Ilustração do percurso do r

**LEGENDA:**

- PONTO INICIAL
- ENTRADA DA BASÍLICA
- INTERIOR DA BASÍLICA
- ROTEIRO DAS PASSAGENS
- ROTEIRO DOS SANTOS
- ROTEIRO DOS OUTROS

Ponto 01 - Fachada: A Basílica está localizada entre a Avenida Nazaré e a Praça Justo Chermont na frente do CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré). Em 1700, o caboclo Plácido José encontrou onde hoje se localiza a B.S.N uma estatueta da virgem e a levou consigo para a cabana onde morava, porém no seguinte dia misteriosamente a estatueta desapareceu reaparecendo no mesmo lugar onde fora encontrada por Plácido, as margens do rio Murutucu. O mistério continuou repetidamente. Por fim Plácido construiu uma capela para abrigar a virgem no mesmo local onde reaparecia. Três ermidas foram construídas para abrigar Nossa Senhora de Nazaré. A construção se deu em 12 de setembro de 1825 e concluída em 1881. A nova Matriz e a redução da Basílica de São Paulo extra-muros em Roma. A construção da matriz foi auxiliada pelos arquitetos Coppede e Padrasso sua construção e do estilo eclético e neoclássico. A palavra vitral é originada da língua francesa "vitrail", geralmente representam cenas ou personagens religiosos, propiciando com o efeito da entrada da luz um clima de espiritualidade divina que adornando as cenas religiosas (...) as narrativas das cenas bíblicas sob a forma de vitrais, empregados para a catequização da população analfabeta.

Ponto 02 – Entrada: Os vitrais lembram a técnica do mosaico, eram feitos de pedaços de vidros coloridos e chumbo soldado, é uma técnica artística na qual a princípio o vidro era pintado à mão. Porém a partir do século IX passou-se a misturar os óxidos de metais no vidro ainda em fusão, emoldurado em suportes, formando artes coloridas.

Ponto 03 - Interior da Basílica: Seus vitrais são verdadeiros, confeccionados com pedaços de vidros unidos por uma liga fina de chumbo, quase todos foram criados na casa M. Champigneulle na França. A Basílica possui um acervo de 57 vitrais com temáticas que envolvem os Santos, Passagens Bíblicas, devoção a Nossa Senhora incluindo o Círio, o acervo de vitrais da Basílica foram doações dos devotos e famílias que eternizaram seus nomes impressos no próprio vitral.

Ponto 04 - Roteiro das Passagens: O primeiro vitral do percurso representa Jesus mandando os doze (12) apóstolos evangelizarem sobre o Reino dos Céus, essa passagem está descrita no livro de Mateus capítulo 10. O segundo vitral representa o Sermão da Montanha, sendo disposto no livro de Mateus capítulo 5,

Jesus profere lições de conduta e ditando os princípios éticos e morais pertinentes ao reino do Messias.

O vitral seguinte é Jesus com as ovelhas, está no livro de João capítulo 10, representando Jesus como pastor cuidando das ovelhas que representam o seu povo. O quarto vitral mostra Jesus Ressuscitando o Jovem de Naim, no livro de Lucas capítulo 7, onde Jesus estava passando pela cidade de Naim e um cortejo fúnebre estava acontecendo, então Jesus se compadeceu da situação daquela viúva e ressuscitou seu filho. No próximo vitral representa Jesus Entregando as Chaves a Pedro na interpretação do catolicismo referem-se com o "Poder das Chaves", onde Cristo delega autoridade suprema a São Pedro, e a seus sucessores para governar a Igreja, encontra-se em Mateus capítulo 16.

No sexto vital representa Jesus curando o Paralítico, está no livro de Lucas capítulo 5. No vitral adiante representa a Conversão de São Paulo descrita no livro de Atos capítulo 9, a conversão de São Paulo se deu na estrada de Damasco, onde levava os presos religiosos, e de repente uma luz subitamente o cercou. Tentou abrir os olhos, porém nada enxergava então São Paulo passou a crer em Deus. No oitavo vitral representa o Santo Antônio Maria Zacarias, era italiano foi um médico e padre católico, fundador da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, (Barnabitas) e da Congregação das Freiras Angélicas de São Paulo foi canonizado em 1897 pelo Papa Leão XIII.

O percurso continua do lado esquerdo e o vitral seguinte e o Sepultamento de Jesus que está descrito em alguns livros do Novo Testamento como Mateus, Marcos, Lucas e João É fim de tarde, sexta-feira, 14 de nisã, era o Dia da Preparação, isto é, véspera do sábado. José de Arimatéia, um senador honrado, foi até Pilatos e pediu o corpo de Jesus, comprou um lençol de pano fino e cobriu Jesus depositando em um sepulcro lavrado numa rocha e colocou uma pedra a porta do sepulcro.

O 14º vitral tem titulação de Santa Helena Reencontra a Santa Cruz. Santa Helena era mãe do imperador romano Constantino Magno nasceu em Bitínia uma província do Império Romano, era de família simples, plebeia, casou-se com Constâncio Cloro tiveram um filho chamado de Constantino que foi o primeiro

imperador romano cristão. Apaixonada por arqueologia foi até Jerusalém acompanhar escavações com o bispo chamado São Macário. Este encontrou o Santo Sepulcro, a Cruz de Jesus e as duas cruzes dos ladrões e Santa Helena acompanhou tudo isso e depois dessas descobertas, dedicou-se à construção de igrejas e uma que fica no monte das Oliveiras, levou seu nome futuramente.

O vitral seguinte representa Jesus Discutindo com os Doutores da Lei, esse episódio é narrado no livro de Lucas capítulo 2, onde os pais de Jesus o encontram no templo assentado no meio dos doutores, ouvindo-o e interrogando-os. O 16º vitral é Jesus Expulsa os Vendilhões do Templo o relato e descrito no evangelho de João no capítulo 2, onde Jesus estava subindo para Jerusalém e no templo encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas e cambistas vendo Jesus à cena expulsou dos templos, pois a casa do Pai não era comércio. O vitral seguinte é Jesus e as Crianças, descrita no livro de Marcos capítulo 10, onde as pessoas estão trazendo as crianças e os discípulos impedem que se aproximem do Mestre que os repreende dizendo: Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.

No vitral 18 Jesus Ressuscita Lázaro que já estava morto a quatro (4) dias no sepulcro descrito no evangelho de João capítulo 11. No vitral 19 mostra Maria Madalena Lavando os Pés de Jesus com alabastro, unguento e lágrimas e enxugando com seus cabelos. No vitral seguinte e a representação do Batismo de Jesus, João Batista quem batizou Jesus junto ao Jordão.

Ponto 05 – Roteiro dos Santos: O vitral é de Santa Luzia que nasceu no ano de 280 na Itália de pais nobres e cristãos. Seu pai faleceu quando Luzia era muito pequena, sua mãe a educou. Luzia queria fazer o voto de castidade e fidelidade a Deus, além de entregar todo seu dote para os pobres. Santa Luzia foi denunciado ao governo que era pagão. Então como forma de punição mandou Luzia a um prostíbulo, ela rezou e nem 10 homens juntos conseguiram levanta-la do chão. Furioso o governador mandou que matasse ela lá mesmo, jogaram resina e azeite fervente, porém nada lhe aconteceu, então mandou arrancar seus olhos, daí conhecida como protetora dos olhos. Seu corpo está na igreja de São Jeremias na Veneza.

Santa Cecília é o que fica ao lado direito do órgão ela era de família romana pagã, rica, e gostava muito de estudar música. Fez voto secreto de virgindade, porém seus pais arrumaram um casamento para ela, Cecília contou ao marido sobre o voto de castidade, ele acatou o pedido de Cecília, porém pediu um sinal de que se realmente era verdade. Um dia, quando ele chegou em casa, viu Cecília rezando e um anjo ao seu lado. Cecília e sua família foram denunciados para as autoridades romanas, mas não negaram sua fé, Cecília foi levada para uma câmara com ar quente para ser asfixiada. Lá começou a louvar incessantemente músicas de louvor a Deus, ficou consagrada como padroeira dos músicos por este motivo e por ter o dom de ouvir músicas vindas dos céus, porém após várias tentativas de executá-los sem sucesso, os três foram decapitados.

O próximo vitral é referente a Santa Catarina Mártir, era menina de alta sociedade, inteligente, formosa de rosto e de alma. Maximino Daia se apaixonou por Catarina divorciando-se de sua esposa para se casar com ela, porém Catarina o rejeitou. Ele contratou vários sábios na tentativa de fazerem Catarina renunciar sua fé, porém aconteceu ao contrário, os sábios se converteram ao cristianismo. Sem êxito na tentativa de dobrar os desejos de sua amada, Maximino mandou que passassem por cima dela com um carro de rodas de com pontas de ferro, entrando em contato com o corpo de Catarina, as pontas de ferro começaram a dobrar, devido a esse episódio os que lidam com rodas elegeram-na como padroeira.

Catarina foi decapitada e em vez de sair sangue, saíram certas ervas e leite. Com isso foi lhe dado o segundo título de protetora daquelas que tem pouco leite. Do céu desceram os anjos, que transportaram o corpo da Mártir para o monte Sinai. O vitral seguinte é de Rute nasceu em Moabe, região que fica ao sul de Israel, era justa, santa, temente a Deus, apesar de ter sido criada por moabitas, que era um povo inimigo dos israelitas. Houve uma grande fome na terra de Belém fazendo com que os judeus deixassem suas casas e emigrassem para outras terras. Noemi e sua família, marido e dois filhos, partiram para a terra de Moab. Maalon, filho de Noemi, casou-se com Rute. Noemi se viu sozinha, pois seu marido e filhos faleceram nas terras de Moab e decidiu voltar para Belém.

Rute não abandonou sua sogra, casou-se com Boaz e tiveram um filho Obed, que foi pai de Jessé e Jessé foi pai de Davi. Que desta geração futuramente,

nasceria Messias descendente de Davi. Rute com sua fidelidade a sogra mudou o rumo da humanidade, pois houve descendentes que chegaram até o Messias, o Salvador, Jesus, o Filho de Deus. O próximo é São Camilo Lélis, nasceu em 25 de maio de 1550, no sul da Itália. Seus pais já tinham idade avançada, seu pai, era militar. Sua mãe morreu treze anos depois seu nascimento. Com a perda da mãe Camilo se tornou rebelde. Seu pai era viciado em jogos e por isso não tinha estabilidade no quartel. Com quatorze anos Camilo foi trabalhar no quartel e por falta de escolaridade nunca saiu do posto de soldado, tinha uma fama de violento e fanático pelo jogo.

Em 1570 Camilo se tornou amigo de um frade franciscano que o convidou para a Ordem dos Franciscanos, porém sua entrada foi barrada devido a uma enorme ferida no pé, que foi diagnosticado com um tumor incurável. Conseguiu emprego no mosteiro dos frades capuchinhos de pedreiro que foi mudando seu coração devido ao constante contato com os frades e certo dia teve uma visão que nunca foi revelada, que o fez mudar completamente, ele tinha vinte e cinco 25 anos. Voltou para o hospital, porém com outras atitudes, agora ele cuidava dos enfermos também principalmente aqueles que eram mais excluídos. Em 1591 o Vaticano aprova a ordem dos Camilianos, conhecida também como a “Ordem dos Padres Enfermeiros”. São Camilo teve também o dom da cura pela oração, faleceu no dia 14 de julho de 1614. Sua canonização foi celebrada em 1746. Ele foi declarado Padroeiro dos Enfermeiros, dos hospitais e dos doentes em 1886.

Na sequencia temos Santo Antônio de Lisboa (1191-1195) foi um santo português e doutor da igreja. Seu nome de batismo é Fernando Martins de Bulhões. Inicialmente foi frade agostiniano. Depois, ingressou no convento de São Vicente de Fora, em Lisboa. Foi para o convento de Santa Cruz, em Coimbra, onde estudou Direito. Tornou-se franciscano, teve influências de Aristóteles e Cícero, devido a isso foi considerado doutor da igreja.

Muitos milagres são atribuídos a Santo Antônio, um deles foi a aparição do menino Jesus, o que se tornou a sua iconografia. Outro milagre aconteceu quando durante uma pregação onde se encontravam pessoas de várias nações, e sua fala foi entendida por todos na língua em suas línguas maternas.

É o santo padroeiro de Portugal é invocado em causas para conseguir filhos, para evitar naufrágios, para a realização de casamentos e proteção dos velhos e das grávidas. No Brasil, um dia das festas juninas é dedicado a Santo Antônio, o dia 13 de junho. É conhecido como o “santo casamenteiro”. Foi canonizado pela igreja católica em 1232. No próximo vitral representa Santa Clara que nasceu no ano de 1193, antes de seu nascimento, Deus revelou à sua mãe que ela teria uma brilhante luz, que iluminaria o mundo inteiro. Por isso, sua filha foi batizada com o nome de Clara, que significa luminosa, resplandecente. Aos 18 anos fugiu com uma amiga, para encontrar, onde faria os primeiros votos e entrar no convento dos franciscanos. Sua irmã Catarina, também foge para o convento aos 15 anos de idade, sua família manda um tio busca-la à força, ele amarrou Catarina e prepara-se para arrastá-la de volta para casa, Clara não suportou a cena e pediu ao Pai Celeste que intervenha, Catarina ficou tão pesada que ninguém conseguiu move-la.

Santa Clara multiplicou um pão em 50 pedaços. Foi dita como padroeira da Televisão, pois ela queria ir a uma missa na Igreja de São Francisco, porém estava muito doente; entrou em oração e conseguiu assistir toda a celebração do seu quarto no convento, diz que a missa aparecia para ela como que projetada na parede de seu quarto. Santa Clara conseguiu ver e ouvir toda a celebração sem sair de sua cama.

Em, 14 de fevereiro de 1958, o Papa Pio XII proclamou oficialmente Santa Clara de Assis como a padroeira da televisão. Sua canonização foi oficializada pelo Papa Alexandre IV, no ano de 1255, dois anos após sua morte. O próximo santo é São Domingos nasceu em Caleruega, na Espanha em 24 de junho de 1170. Seu nome foi escolhido em homenagem a São Domingos de Silos, pois este santo apareceu a ela e anunciou que o futuro filho viria a ser um santo. Dedicado aos estudos, tornou-se um jovem culto, porém não deixou de fazer caridades. Aos 24 anos foi ordenado padre.

Em 1207, São Domingos procedeu a fundação do primeiro mosteiro destinado a mulheres, nesse Mosteiro, a Virgem Maria apareceu a São Domingos pedindo-lhe que difundisse a devoção e a oração do Santo Rosário, por esta razão os dominicanos são conhecidos como os “Guardiões do santo Rosário”. Criou a ordem dos Dominicanos, morreu aos 51 anos em 08 de agosto de 1221 e foi

canonizado treze anos após sua morte. O próximo é São Jorge era filho de família rica, nasceu na Capadócia Turquia, no ano de 275, quando jovem entrou para o exercito, pois gostava das batalhas. Sua mãe nascida na Palestina educou o filho nas virtudes do Cristianismo. Quando seus pais morreram ele foi morar em Nicomédia onde entrou para o exercito, se converteu ao cristianismo mesmo em um momento de perseguição.

O imperador mandou prender, torturar e forçar São Jorge a voltar para a religião romana. Não obedecendo ao imperador, São Jorge foi morto em 23 de abril de 303, por decapitação. Sua armadura simboliza a armadura do cristão A couraça representa a justiça. O capacete representa a certeza da salvação. O cinturão, a verdade. O calçado, a prontidão para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. Sua espada e lança, representa a palavra de Deus, a capa vermelha representa seu martírio, o cavalo branco simboliza pureza e o dragão simboliza o demônio.

Na sequencia é São Sebastião, nascido na Franca em 256 ingressou no exército romano e tornou-se capitão da guarda do imperador, era cristão, e contra a perseguição e tortura aos cristãos. Foi preso, torturado e obrigado a renunciar a sua fé cristã, foi submetido a uma morte lenta e exemplar. Suas flechas representam os primeiros momentos de sua tortura, quando flechado várias vezes pelo exército e deixado amarrado para ser comida dos animais. A árvore de carvalho em que São Sebastião aparece amarrado representa perseverança e seu corpo seminu representa a humilhação que ele sofreu. O pano vermelho simboliza o duplo martírio, pois ele não morreu com as flechadas que depois de recuperado voltou a pedir ao imperador que cessasse a perseguição aos cristãos, ele não cedeu e mandou açoitar e decapitar São Sebastião. Sua áurea simboliza santidade.

Ao lado temos Santa Ana é a mãe da Virgem Maria e avó de Jesus é considerada padroeira das avós e das mulheres com dificuldade de engravidar. Foi esposa de São Joaquim e não conseguiu engravidar e passou a ser vista como estéril pelos judeus e castigada por Deus. Pediu durante anos um filho a Deus. Quando idosos um anjo do Senhor apareceu a Santa Ana e a São Joaquim separadamente e disse que as orações do casal tinham sido ouvidas. Ela engravidou e deu à luz a Maria, mãe do Salvador.

O vitral seguinte é São Joaquim que pertencia à tribo da Judéia, aos vinte anos casou-se com Ana, descendente de Davi. Joaquim cumpria suas obrigações no templo com muita generosidade. No Dia do Senhor os filhos de Israel levam oferendas ao templo e Joaquim foi impedido, pois não tinha filhos. Sentiu-se injustiçado e não falando nada para sua esposa foi para o deserto onde passou 40 dias e 40 noites em jejum esperando uma resposta de Deus. É no deserto um anjo do Senhor anunciou que Ana conceberia a luz a uma menina e após nove meses deu à luz a quem chamaram de Maria.

O vitral representa São José que era carpinteiro, judeu, descendente da casa de Davi e esposo da Virgem Maria e pai adotivo de Jesus Cristo. Estava noivo de Maria, e ao saber que ela estava grávida decidiu deixá-la, pois o filho não era dele, porém em um sonho o anjo do Senhor lhe disse que Maria ficou grávida pela ação do Espírito Santo e que o menino que iria nascer era Filho de Deus, então aceitou Maria como esposa. São José dedicou sua vida para cuidar de Jesus e Maria. Todos os relatos levam a crer que José faleceu antes de Jesus começar sua vida pública. Sua festa é celebrada no dia dezanove de março e no dia primeiro de maio dia do trabalhador.

Foi declarado Patrono Universal da Igreja. Na sequência Santo Agostinho nasceu na África era primogênito, seu pai chamado Patrício era pagão e pequeno proprietário de terras, sua mãe Mônica era cristã sempre buscou educar o filho na fé cristã, porém por causa do exemplo do pai, Santo Agostinho não se importava com a fé, porém, foi aceitando as verdades sobre Jesus Cristo pelas pregações de Santo Ambrósio e se converteu ao cristianismo. Com o falecimento de seu filho, resolveu voltar para sua cidade natal, porém sua mãe faleceu na viagem.

Continuou seu trajeto e decidiu continuar na vida religiosa e com alguns amigos elaboraram regras que ficaram conhecidas como regras e inspirações "Agostiniana". Tornou-se um importante teólogo e filósofo, escreveu um dos grandes best-sellers Confissões e Cidade de Deus, faleceu em 28 de agosto do ano 430.

Na sequência representa São Bernardo que nasceu em 1090, na França, era o terceiro de sete irmãos, sempre se destacou pela inteligência e pela beleza física. Foi para a escola canônica aos 09 anos destacando-se na literatura

dedicava-se à oração e ao ensino da catequese, tinha dom de oratória e convertia muitos com quem conversava. São Bernardo faleceu no dia 20 de agosto de 1153, aos 63 anos de idade. Foi canonizada em 18 de junho de 1174, pelo Papa Alexandre III, a festa de São Bernardo é comemorada em 20 de agosto.

Continuando esse representa São Francisco de Assis é um dos santos mais representados artisticamente e o santo da humildade, da alegria, da pobreza e do amor à natureza. Sua iconografia é bem diversificada, mas encontramos principalmente as seguintes representações: o santo aparece com o hábito marrom, claro ou escuro, com o cordão do hábito na cintura com três nós e também com o terço, a bíblia e o crucifixo. Ao lado temos São Vicente de Paulo nasceu em 24 de abril do ano 1581 na França, foi ordenado padre com apenas 19 anos a imagem que representa de São Vicente de Paulo retrata a grande marca deste santo que é a caridade para com os menos favorecidos. Tornando-se Patrono das obras de caridade. Foi vendido como escravo de muçulmanos e ficou por sete anos, recuperou a liberdade e converteu seus senhores.

Voltou à França e retomou suas atividades de sacerdote. Dedicou-se aos pobres, doentes, idosos, crianças abandonadas e a todo tipo de pessoa marginalizada pela sociedade. Faleceu no dia 27 de setembro de 1660, em Paris. Neste século XVII, ele participou ativamente na Reforma Católica ocorrida na França.

O próximo temos Santa Rita de Cássia nasceu na Itália, em 1381, e morreu em Cássia em 1457, foi obrigada a se casar. Teve dois filhos, porém seu marido era violento e pecador convertendo-se após 18 anos, mas foi assassinado devido desavenças passadas, seus filhos queriam vingar a morte do pai, então Rita pediu que Deus os levasse seus filhos para que não cometessem o pecado e assim aconteceu. Depois se tornou monja agostiniana. Morreu no dia 22 de maio 1457. Foi beatificada em 1627 e canonizada em 1900.

O vitral seguinte representa Santa Maria Madalena nasceu em Magdala, devido a essa localidade, ganhou o apelido de Madalena, que significa aquele que veio de Magdala. Era uma prostituta, da qual foram expulsos sete demônios, tinha poses, comprou aromas para ungir o corpo de Jesus crucificado e foi fiel a Deus até

o fim. Sendo a primeira a ver e a falar com Jesus após a ressurreição e anunciar o milagre da ressurreição.

O próximo temos Santa Bárbara nasceu na Turquia, era uma jovem formosa, filha única, foi degolada pelo próprio pai, pois se converteu ao cristianismo. A imagem de santa Bárbara sofreu algumas modificações ao longo do tempo e pode aparecer com alguns detalhes diferentes. Os mais comuns são a torre, a espada (representa o instrumento de seu martírio, pois foi degolada pelo próprio pai) o cálice (representa a comunhão e a remissão dos pecados) e a palma (simboliza o seu martírio e de muitos santos que deram a vida por causa do evangelho). Outros atributos foram adicionados de acordo com a proteção que as pessoas atribuíam à santa. É considerada como a padroeira protetora das pessoas que trabalham com fogo como os bombeiros, mineiros, construtores de túneis e militares. Teve seus seios cortados e depois, foi conduzida para fora da cidade e seu próprio pai a degolou.

E por último temos a representação seguinte temos o Rei Davi que nasceu no ano 500 no país de Gales, descendente da família real, passou anos nos estudos e recebia a instrução cristã. Foi eleito como primaz (superior a determinados bispos e arcebispos) da Igreja de Cambrian. Assim que foi consagrado Arcebispo uma pomba pousou no seu ombro. O fato foi interpretado como um sinal que ele era portador da bênção do Espírito Santo, foi canonizado pelo Papa Calixto II em 1123, e incluído no Livro dos Santos. Morreu em 589 por causas naturais, no país de Gales. É sempre representado, em suas imagens, pregando no topo de um monte, com uma pomba em seu ombro, em referência à sua consagração.

Ponto 06 – Devoção a Nossa Senhora: O primeiro vitral da série representa o Monge abade romano e o rei D. Rodrigo que está agasalhando em seu manto a imagem da Virgem, única imagem que restou no convento Cauliniano devido à guerra as margens de Guadalete. O próximo vitral é sobre D. Fuás Roupinho que era um grande caçador, herói e lutador. O Monge abade romano tinha construído um sítio para abrigar a imagem, porém ele faleceu e logo depois o rei Rodrigo também, a imagem ficou oculto por quatro séculos sendo encontrada por uns pastores, chegando aos ouvidos de D.Fuás que em uma de suas caçadas resolveu conhecer a Virgem, construindo uma morada mais digna. Em visita ao local viu um veado e

seu instinto de caçador fez com que adentrasse a mata. Quando se deparou estava na beira de um precipício o susto foi tão grande que só veio a lembrança da imagem e soltou um grito “Senhora, valei-me” e o cavalo parou em solo firme e o veado com dois cachorros caçadores caíram no precipício como descrito no vitral.

Na sequencia o terceiro vitral da série mostra Plácido encontrando a imagem, dando inicio a devoção pelos paraenses a Nossa Senhora de Nazaré. Percebe-se no vitral um igarapé onde Plácido achou a imagem. No quarto vitral representa a cabana de Plácido onde se tornou a primeira Ermida. O quinto vitral representa a segunda Ermida de Antônio Agostinho, amigo de Plácido, um pouco maior que a primeira. O sexto vitral demonstra a terceira Ermida de Nazaré melhorada. O sétimo vitral representa o primeiro círio que nasce com o entusiasmo do fidalgo Francisco de Souza Coutinho, que ao chegando em 1790 presenciou uma romaria dos devotos e resolveu dar maior importância à romaria.

O oitavo vitral da série representa o Milagre do barco que acontece com um dos barcos do Brigue S. João Batista de 1848, quando a imagem é mandada para Portugal em um pequeno barco foi levada até o porto, houve uma grande tempestade e o barco de S. João Batista, o maior, foi ao fundo e o pequeno barco onde estava a imagem chegou em terra firme. O penúltimo vitral da série mostra a matriz de Nazaré em 1884. Um anjo de asas longas está segurando uma faixa com os seguintes dizeres: “N. Sra. De Nazaré do Desterro”, título concebido em outubro de 1861. O ultimo vitral é o Círio dos nossos tempos, onde visualizamos a Berlinda, a presença da corda que é levada por caboclos.

Ponto 07 – Outros: Dentro da capela de Nossa Senhora do Brasil existem dois (2) vitrais, do lado direito tem o vitral representando Santa Inês com o nome de origem grega e tem o significado de pura, nasceu em Roma, no ano 304. Decidiu consagrar sua pureza para Deus. Inês foi cobiçada por Fúlvio, que era filho de Simprônio, prefeito de Roma, porém não aceitou devida sua dedicação a Deus. Fúlvio, não aceitou a rejeição e denunciou Inês como cristã sendo era o período de perseguição contra os cristãos, foi presa, julgada e condenada, sendo exposta nua em um lugar de prostituição para que todos os homens a vissem.

Pedindo proteção a Deus, Inês foi tomada por uma luz celestial e ninguém conseguiu se aproximar dela seus cabelos cresceram rapidamente protegendo seu corpo. O primeiro homem que tentou agarrá-la ficou cego, devido a luz a protegida, vendo homem cego Santa Inês rezou por ele, perdoou e ele viu novamente, outro homem tentou violentá-la mas, um anjo do Senhor o matou, ficando com pena do jovem Santa Inês, orou a Deus e o homem ressuscitou devido à esses acontecimentos, hoje está erguida a Basílica de Santa Inês em Roma, no local onde foi o prostíbulo.

O vitral do centro representa Nossa Senhora das Graças aparece à Santa Catarina Labouré, esse fato aconteceu três vezes no ano de 1830 e devido a uma dessas aparições foi concebida a Medalha milagrosa. Na abside temos dois (02) vitrais representando anjos, o vitral do lado direito descreve um Anjo com a Flauta e o do lado esquerdo e o Anjo com a Harpa. Na capela do Sagrado Coração tem o vitral onde Jesus Mostra Seu Coração á Santa Margarida Maria, mostra a aparição de Jesus durante a oitava da festa do Corpus Domini de 1675, mostrando o Seu coração divino e a Rosácea bem característica do período gótico servindo como passagem de iluminação natural.

## ROTEIRO ILUSTRATIVO PARA OS VITRAIS DA BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ



Vitral - **Jesus mandando os doze (12) apóstolos evangelizarem.** Sobre o Reino dos Céus, essa passagem está descrita no livro de Mateus capítulo 10.



Vitral - **Sermão da Montanha**, sendo disposto no livro de Mateus capítulo 5, Jesus profere lições de conduta e ditando os princípios éticos e morais pertinentes ao reino do Messias.



Vitral - **Jesus com as ovelhas** está no livro de João capítulo 10, representando Jesus como pastor cuidando das ovelhas que representam o seu povo.



Vitral - **Jesus Ressuscitando** o Jovem de Naim, no livro de Lucas capítulo 7, onde Jesus estava passando pela cidade de Naim e um cortejo fúnebre estava acontecendo, então Jesus se compadeceu da situação daquela viúva e ressuscitou seu filho.



Vitral - **Jesus Entregando as Chaves a Pedro** na interpretação do catolicismo referem-se com o "Poder das Chaves", onde Cristo delega autoridade suprema a São Pedro, e a seus sucessores para governar a Igreja, encontra-se em Mateus capítulo 16.



Vitral - **Jesus curando o Paralítico.** Descrito no livro de Lucas capítulo 5.



Vitral - **Sepultamento de Jesus** que está descrito em alguns livros do Novo Testamento como Mateus, Marcos, Lucas e João. É fim de tarde, sexta-feira, 14 de nissã, era o Dia da Preparação, isto é, véspera do sábado. José de Arimatéia, um senador honrado, foi até Pilatos e pediu o corpo de Jesus, comprou um lençol de pano fino e cobriu Jesus depositando em um sepulcro lavrado numa rocha e colocou uma pedra a porta do sepulcro.



Vitral - **Maria Madalena** Lavando os Pés de Jesus com alabastro, unguento e lágrimas e enxugando com seus cabelos.



Vitral - **Jesus e as Crianças**, descrita no livro de Marcos capítulo 10, onde as pessoas estão trazendo as crianças e os discípulos as repreendem dizendo: Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.



Vitral - **Jesus Expulsa os Vendilhões do Templo** o relato e descrito no evangelho de João no capítulo 2, onde Jesus estava subindo para Jerusalém e no templo encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas e cambistas vendo Jesus a cena expulsou dos templos, pois a casa do Pai não era comércio.



Vitral - **Jesus e as Crianças**, descrita no livro de Marcos capítulo 10, onde as pessoas estão trazendo as crianças e os discípulos impedem que se aproximem do Mestre que os repreende dizendo: Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.



Vitral - **Jesus Ressuscita Lázaro** que já estava morto a quatro (4) dias no sepulcro descrito no evangelho de João capítulo 11.



No vitral 19 mostra Maria Madalena Lavando os Pés de Jesus com alabastro, unguento e lágrimas e enxugando com seus cabelos.



No vitral seguinte e a representação do Batismo de Jesus, João Batista quem batizou Jesus junto ao Jordão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central deste estudo foi demonstrar a potencialidade que os vitrais exercem como patrimônio, mesmo pertencentes a bens integrados a construções patrimonializadas e os processos museológicos como etapas fundamentais para o conhecimento, salvaguarda intrínseca e extrínseca para uma adequada comunicação do vitral.

Nas pesquisas realizadas, observou a importância do vitral tanto no âmbito arquitetônico, quando utilizados nos clerestórios que são os espaços nas paredes permitindo a entrada da luz natural, na história da arte por meio dos períodos de auge dos vitrais, nas técnicas de fabricação e no âmbito religioso transmitindo cenas religiosas, servindo como ensinamento para os iletrados.

A falta de informação específica disposta pela instituição sobre os vitrais se tornou um fator problemático, porém colaborou como afirmação da necessidade de uma documentação própria para o acervo e um cuidado minucioso, tanto para o objeto físico como para as documentações geradas, levando em consideração que os primeiros vitrais têm aproximadamente um século e a própria instituição desconhece a quantidade de vitrais disposto na basílica.

O processo de iconográfico foi proposto como uma primeira análise mais detalhada do que se observa, fazendo com que o espectador comece a analisar a obra em seus detalhes, que em muitas vezes não é visualizado quando a tendência é olhar o geral.

O âmbito vitral ainda é um grande desafio, devido à escassez de bibliografias geradas e poucas informações sobre a técnica vitralista no Brasil. Sabemos que os vitrais podem ser trabalhados em diversos aspectos do conhecimento e entendimento, tornando fonte de sabedoria, contemplação, ornamentação e obra de arte, mas em cada linha a seguir o vitral mostra sua potencialidade e com suas especificidades, tanto na técnica do vidro como na técnica da pintura e porque não nas memórias? Pois os objetos falam por cada um de nós e cabe ao contemplador absorver o que o vitral quer transmitir.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO TÉCNICA BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS AUTOMÁTICAS DO VIDRO - ABIVIDRO, A História do Vidro / Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.abividro.org.br/index.php>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

ANDE, Edna; LEMOS, Sueli. Arte Gótica. 1. Ed. São Paulo: Instituto Callis, 2013.

ADILHA, Renata Cardozo, Documentação Museológica e Gestão de Acervo. Coleção de Estudos Museológicos. Vol. 2, FCC Edições, Florianópolis, 2014.

ARGAN, Giulio Carlos; FAGIOLO, Maurizio. Guia de História da Arte. 2º Ed. Editora Estampa. 1994.

Arte: artistas, obras, detalhes, temas: 300-1400/ [Dorling Kindersley]. – São Paulo: Publifolha, 2012.

ALVES, Oswaldo Luiz, GIMENEZ, Iara de Fátima, MAZALI, Italo Odone. VIDROS. Cadernos Temáticos – Química Nova Na Escola Edição Especial – Fevereiro 2001.

A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Ed. 1995. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil.

BONNA, Mizar Klautau. Círio: painel de vida. 2º edição. Belém: Secult, 1992.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: ENCUENTRO REGIONAL DO ICOFOM-LAM, 8. 1999, Coro, Venezuela. Anais. p. 50.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL Paris, 17 de outubro de 2003.

DEL PRIORE, Mary, VENANCIO, Renato. Uma breve história do Brasil. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

CÂNDIDO, Maria Inez. “Documentação Museológica”. Caderno de Diretrizes Museológicas, 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, p.33, 2006.

CURY, Marília Xavier. Museu, Filho De Orfeu, E Musealização. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, p. 53.

CHAGAS, Mário De Souza. No Museu Com A Turma Do Charlie Brown. Cadernos de Sociomuseologia, [S.I.], v. 2, 1994. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/535>>. Acesso em: 12/02/2017.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades. História Oral, V. 6, p. 9-25, 2003.

Declaração de Quebec - 1984 Princípios De Base De Uma Nova. Disponível em: <https://claudiaporto.files.wordpress.com/2010/11/declaracao-de-quebec-1984.pdf>. Acessado em 09/02/2017.

Declaração dos princípios de documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC/ Comitê Internacional de Documentação (CIDOC). Conselho Internacional de Museus (ICOM), tradução Roteiro Editoração e Documentação; revisão técnica Marilucia Bottallo. – São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, p. 38, 2014.

DONDIS. Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. Ed. 3º. São Paulo. 2007.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. 16º edição. Rio de Janeiro. Editora LTC. 2012.

Guia Da Basílica de Nazaré. Belém-Pa.

JESUS, Priscila Maria de. A musealização de espaços urbanos na contemporaneidade: primeiras reflexões. Idearte.org. Idearte- Revista de Teorias da Arte. Vol. 6, 2010.

LOUREIRO, Jose Mauro Matheus. A documentação e suas diversas abordagens: esboço acerca da unidade museológica. In MAST COLLOQUIA. Vol. 10. Documentação em museus, Rio de Janeiro. p. 25, 2008.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer. A Documentação Museológica entre a Arte e a Ciência. In MAST COLLOQUIA. Vol. 10. Documentação em museus, Rio de Janeiro. p. 25, 2008

Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto de 2004. Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses. Disponível em: [http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/museus\\_e\\_monumentos/credenciacao\\_d\\_e\\_museus/lei\\_dos\\_museus.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/museus_e_monumentos/credenciacao_d_e_museus/lei_dos_museus.pdf). Acessado em 09/02/2017.

MICHELOTTI, Denise. Dissertação de mestrado. Arte Em Vitrais: A Salvaguarda, A Extroversão E A Sociomuseologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Museologia, 2011.

MAIA, Samuel Berg. O vidro e sua fabricação. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

MORO, Fernanda Camargo. Museu: aquisição e documentação. Rio de Janeiro: Livraria Cultura, 1986.

MONTEIRO, Juliana. Documentação em Museus e Objeto-Documento. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Arte-ECA, 2014.

NUNES, Ricardo Ferreira. COMUNICAR Património Em Instituições Patrimoniais E Culturais: Uma Proposta Para A Formação De Profissionais De Mediação E

Educação. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2015.

PINTO, Amanda Monteiro Corrêa. O vidro e os vitrais de edificações históricas de Belém: patologias e conservação. Dissertação de pós-graduação. Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo,

PINHEIRO, Fábio Carlos. Monografia apresentado para conclusão de curso. Evolução Do Uso Do Vidro Como Material De Construção Civil. Universidade São Francisco Fábio Carlos Pinheiro. Fábio Carlos Pinheiro. 2007.

PROENÇA, Graça. História da Arte. Ed. Ática. 16º edição.

PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. São Paulo. Perspectiva. 2º ed. 1986.

REIS, Eliana Villela dos. Manual compacto de Arte. 1. ed. São Paulo: Rideel,2010.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A documentação e suas diversas abordagens. In MAST COLLOQUIA. Vol. 10. Documentação em museus, Rio de Janeiro. p. 12, 2008

**SITES CONSULTADOS.**

<http://www.klickeducacao.com.br/bcoresp/bcorespmostra/0,5991,POR-7113-h,00.html> (Acessado em 18/08/2016).

<https://taislc.blogspot.com.br/2010/11/vitral-um-pouco-da-historia.html>. (Acessado em 18/08/2016).

<http://aumagic.blogspot.com.br/2012/10/arte-gotica-importancia-dos-vitrais.html>. (Acessado em 18/08/2016).

<http://janelaurbana.com.br/cultura-turismo-sociedade/igreja/categ/2>. (Acessado em 18/08/2016).

<http://nazare10.com.br/historico-da-basilica/> - (Acessada no dia 21/09/2016).

<https://www.joya.life/blog/obsidiana-piedra-sagrada-los-mayas/> (Acessado em 09/02/2017).

<http://www.jornaldovidro.com.br/> - (Acessado em 08/02/2017)

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/103> - (Acessado em 09/02/2017).

[https://www.paulus.com.br/portal/santo/santa-catarina-de-alexandria-virgem-e-marti-2#.WNAIxG\\_ysdU](https://www.paulus.com.br/portal/santo/santa-catarina-de-alexandria-virgem-e-marti-2#.WNAIxG_ysdU) – (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-rute/225/102/#c> – (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-camilo-de-lellis/252/102/#c> - (Acessado em 25/03/2017)

[https://www.ebiografia.com/santo\\_antonio\\_de\\_lisboa/](https://www.ebiografia.com/santo_antonio_de_lisboa/) - (Acessado em 25/03/2017).

<http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-santa-clara/69/103/#c> - (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-domingos-de-gusmao/253/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-jorge/147/103/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-sebastiao/162/103/#c> - (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-santa-ana/61/103/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jose/148/102/#c> - (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santo-agostinho/116/102/#c-> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-bernardo-claraval/131/102/#c-> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-sao-francisco-de-assis/139/103/#c-> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-vicente-de-paulo/164/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-rita-de-cassia/106/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-maria-madalena/99/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-barbara/64/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-sa%CC%83o-davi/460/102/#c> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-luzia/95/102/#c> - (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.a12.com/santuاريو-nacional/santuاريو-virtual/santo-do-dia/22/11> (Acessado em 25/03/2017)

<http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/aparicoes-de-nossa-senhora-das-gracas.html> - (Acessado em 25/03/2017)